

A Cerâmica de Paredes Finas de Monte Molião (Lagos, Portugal)

The thin walled pottery from Monte Moliao (Lagos, Portugal)

Elisa de Sousa¹

Ana Margarida Arruda²

Recibido: 31-10-2017

Aceptado: 11-09-2018

Resumo

As campanhas de escavação realizadas durante a última década em Monte Molião (Lagos, Portugal) têm permitido aduzir dados importantes para o conhecimento da ocupação romana do sul do território actualmente português. Neste trabalho, é apresentado o conjunto de cerâmica de paredes finas exumado no sítio. Trata-se de produções com origem sobretudo na Península Itálica e no sul da Hispânia, abarcando uma cronologia se estende desde os finais do século II a.C. até ao século II d.C. Os contextos de recolha e, portanto, as associações de materiais permitiram analisar a evolução formal desta categoria cerâmica e discutir as morfologias em função do faseamento já definido para o sítio.

Palavras Chave: Algarve; vasos para beber; período republicano; período alto-imperial.

Abstract

The archaeological works carried out during the last decade in Monte Molião (Lagos, Portugal) have allowed to add important data for the knowledge of the Roman occupation of the south of the Portuguese territory. In this work, we present the thin walled pottery assemblage that was so far recovered in the site. They entail vases fabricated mainly in the Italic Peninsula and southern Spain, encompassing a chronology extending from the late 2nd century BC to the late 2nd century AD. Its stratigraphic contexts and, therefore, the material culture associations allow to analyze the evolution of this ceramic category throughout this period and to discuss its morphologies according to the phasing already established for the site.

Keywords: Algarve; drinking cups; Republican period; Early Roman Empire.

1. INTRODUÇÃO

Os dados referentes à ocupação de época romana de Monte Molião são abundantes, e têm vindo a ser sistematicamente publicados no decurso dos últimos anos (Arruda, 2007; Arruda *et al.*, 2008; Arruda e Pereira, 2010; Arruda *et al.*, 2010a; Arruda e Sousa, 2013; Arruda e Viegas, 2016; Dias, 2010; Pereira e

Arruda, 2016; Sousa e Arruda, 2013, 2014a, 2014b; Viegas e Arruda, 2013). Os trabalhos de campo, iniciados em 2006, contam já com oito campanhas, estando escavados cerca de 700 m². FIG. 1

A informação arqueológica recuperada durante estes trabalhos não permite ainda cobrir sequencialmente toda a evolução diacrónica do local ao longo

¹ Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Fundação para a Ciência e a Tecnologia. e.sousa@campus.ul.pt, orcid.org/0000-0003-3160-108X

² Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras. a.m.arruda@letras.ulisboa.pt, orcid.org/0000-0002-7446-1104

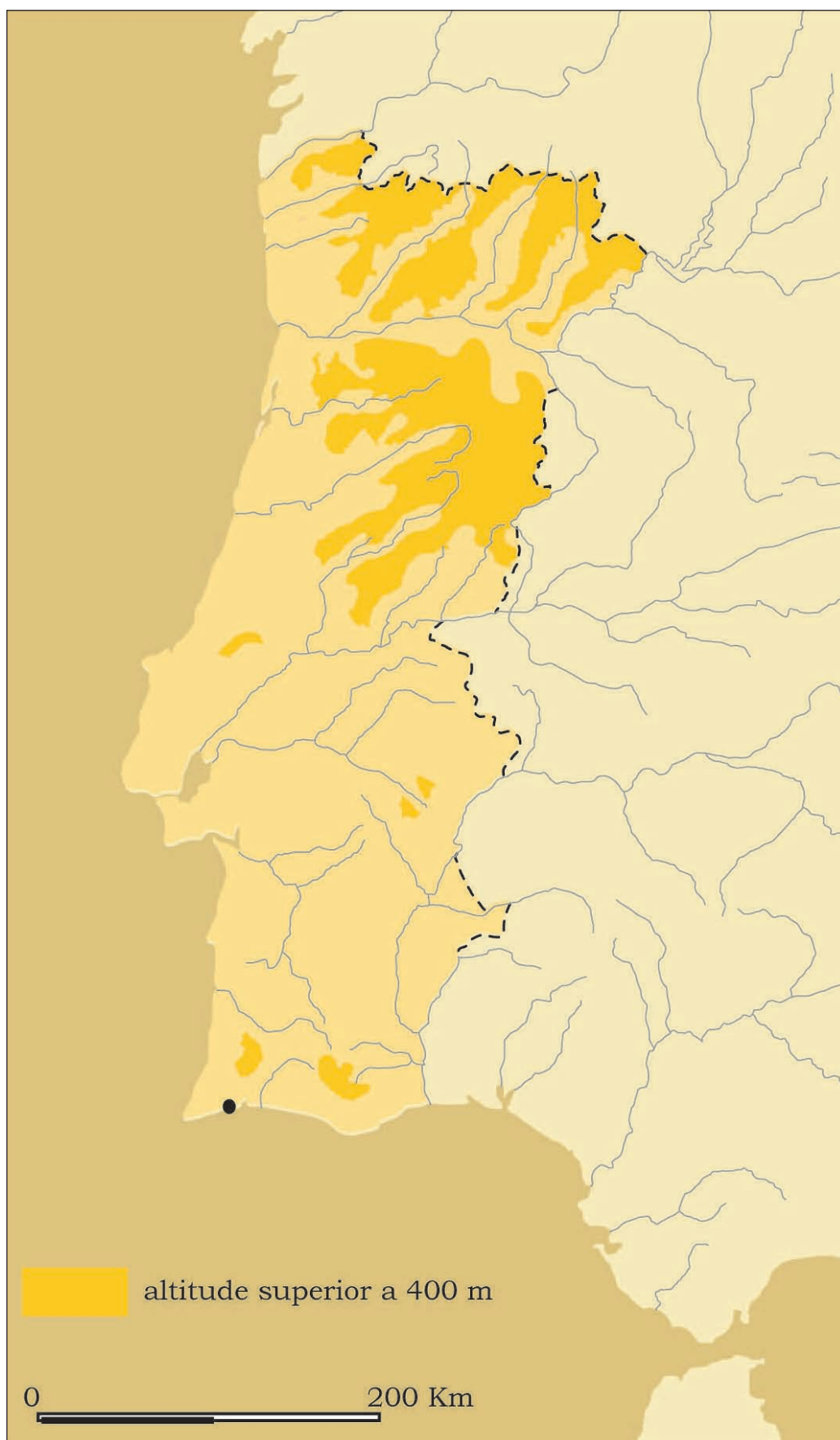


Fig. 1. Monte Molião (Algarve) no território actualmente português (base cartográfica de V. Gonçalves).

destes cerca de quatrocentos anos. Com efeito, e como ocorre também em outros locais, certos períodos cronológicos encontram-se estratigraficamente mais bem documentados que outros. No caso de Monte Molião, os dados disponíveis permitem uma caracterização mais pormenorizada da fase republicana, datável entre o século II a.C. e as primeiras décadas da centúria seguinte, e do período alto imperial, em particular entre os meados do século I e o final do século II. Em campanhas recentes, e no interior de uma cisterna localizada na área superior da elevação, foi também possível documentar contextos que poderão ser associados aos reinados de Augusto e Tibério, ainda que a confirmação desta cronologia deva aguardar pelo estudo detalhado dos materiais aí recuperados, actualmente em curso. Outros períodos intermédios, como a fase mais tardia da ocupação republicana (século I a.C.) e a primeira metade do século I estão, até agora, mal caracterizados do ponto de vista estratigráfico e arquitectónico, ainda que a existência de materiais residuais que pertencem seguramente a estas cronologias sejam indicadores de que o sítio permaneceu ocupado. FIG. 2 e 3

A cerâmica de paredes finas que é analisada neste trabalho foi recolhida nos diferentes contextos anteriormente referidos, que serão especificados ao longo do texto, estando associada a outros materiais que permitem precisar cronologias mais finas para a utilização das diferentes morfologias.

Como é amplamente reconhecido por diversos investigadores que se dedicam ao estudo deste tipo de materiais, sob a designação de “cerâmica de paredes finas” inclui-se uma multiplicidade de produções, originárias de diversas áreas do mundo romano, que partilham apenas um reduzido número de características: são recipientes utilizados para o consumo e serviço de líquidos (sobretudo copos e taças), que apresentam geralmente paredes pouco espessas (pouco mais de um ou dois milímetros) (López Mullor, 2013: 150).

A grande variedade de centros produtores, não só na Península Itálica como posteriormente também em vários dos territórios conquistados, reflecte-se, por sua vez, numa acentuada heterogeneidade em termos tecnológicos. Com efeito, as pastas destes recipientes são muito diversificadas em termos de tonalidade, no grau de depuração (ainda que se verifique a tendência para a utilização de argilas bem depuradas) e ao nível dos acabamentos (ausência ou não de polimento, decorações, engobes, aguadas). Tal realidade levanta sérias dificuldades na integração de certos exemplares nesta categoria, uma vez que, apresentando pastas menos características destas produções, e que se podem relacionar com centros de fabrico de alcance mais reduzido ou mesmo com pontuais tentativas de imitação a uma escala local, não deixam de exibir particularida-

des morfológicas e tecnológicas que se aproximam do conceito original de “cerâmica de paredes finas”. É o caso de vários fragmentos exumados no sítio algarvio que optámos por integrar no conjunto presentemente analisado, disponibilizando-se, contudo, as informações sobre os respectivos fabricos de forma a permitir ulteriores opções metodológicas em estudos centrados sobre esta categoria cerâmica.

2. A CERÂMICA DE PAREDES FINAS DE MONTE MOLÍÃO

2.1. Metodologia de análise e critérios de quantificação

A classificação dos fragmentos de cerâmica de paredes finas de Monte Molião foi feita com base nas principais tipologias de referência disponíveis para esta categoria, em concreto o estudo de M. T. Marabini dos materiais de Cosa (1973), o de F. Mayet sobre os vasos da Península Ibérica (1975) e o trabalho de A. Ricci, integrado no *Atlante* (1985), que reúne grande parte das formas identificadas nas obras anteriores. As informações disponibilizadas nestas obras sobre as diferentes morfologias foram também complementadas com os dados resultantes de outros estudos pertinentes, dos quais se destacam os numerosos contributos de A. López Mullor (1990, 2008, 2013) e de M. Passelac (1993).

A quantificação do conjunto procurou seguir os critérios definidos no Protocolo de Beuvray para o cálculo do Número Mínimo de Indivíduos (Arcelin e Tuffreau-Libre, 1998): no repertório de cada Unidade Estratigráfica (U.E.), e após a divisão por grupos de fabrico e categorias formais, foi contabilizado o elemento diagnóstico mais frequente de cada tipo (bordos, asas e fundos). No total contabilizaram-se 438 fragmentos de cerâmica de paredes finas, correspondentes a 221 NMI.

2.2. Grupos de fabrico

As dificuldades em relacionar grupos de fabrico macroscópicos com áreas geográficas específicas no quadro da produção da cerâmica de paredes finas tem sido já assinalada por vários investigadores (López Mullor, 2008; Passelac, 1993: 511). Com efeito, o alto grau de depuração das argilas utilizadas no fabrico destes materiais constitui um obstáculo na distinção das várias produções, sendo a caracterização e descrição das suas tonalidades de pouco auxílio nesta questão, uma vez que estas diferenciações se relacionam sobretudo com aspectos específicos dos processos de cozedura que podem ocorrer, simultaneamente, num mesmo centro de produção. Contudo, outros aspectos tecnológicos relacionados com o acabamento destes vasos, como a presença ou ausência de polimento das superfícies, aplicação de aguadas ou engobes e mesmo variações de técnicas e motivos decorativos podem,

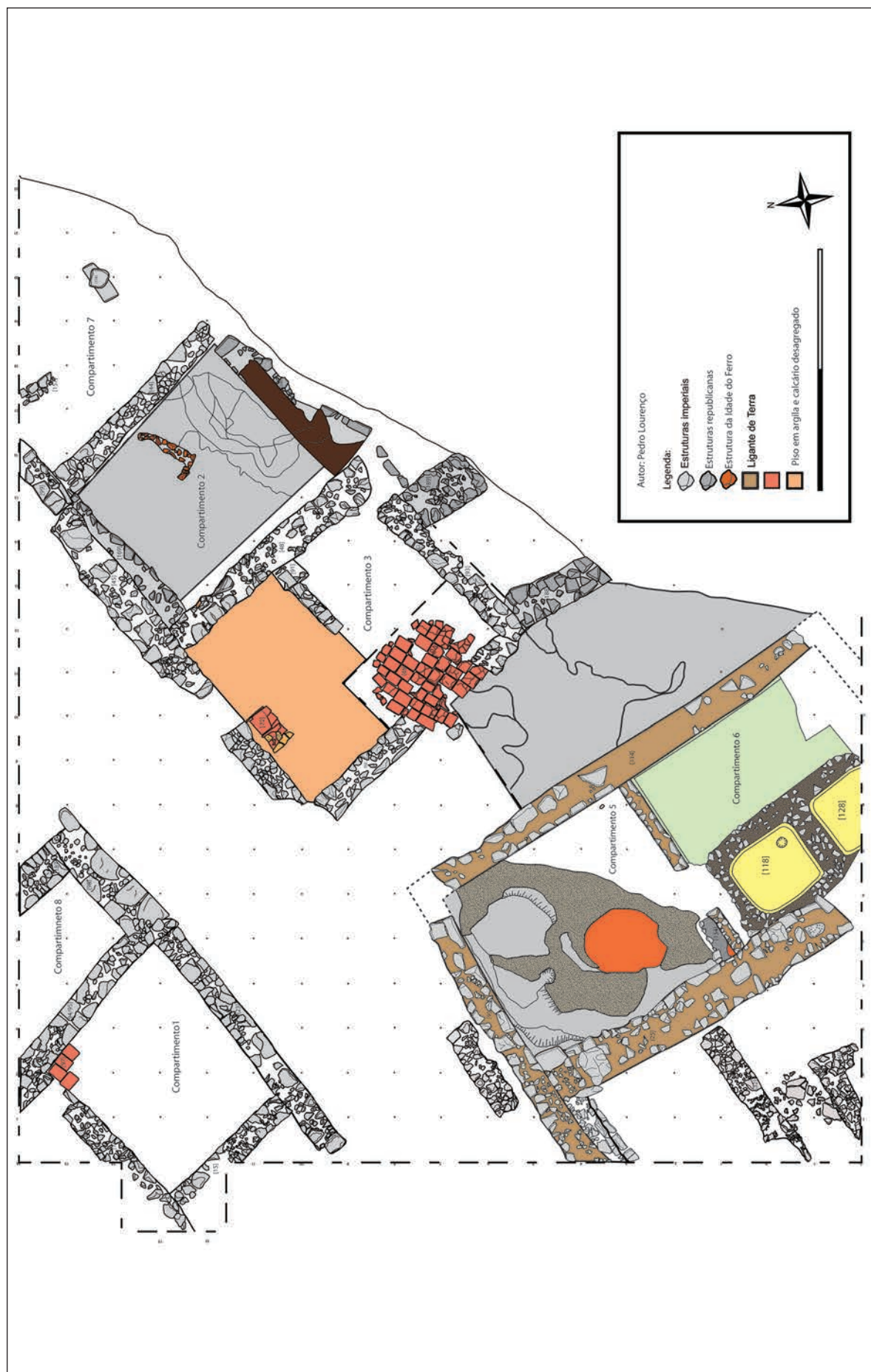


Fig. 2. Planta da área escavada no Sector A.



Fig. 3. Planta da área escavada no Sector C (em cima, a tracejado, a localização da cisterna).

por vezes, ajudar na distinção de distintas proveniências. No entanto, será apenas com o desenvolvimento sistemático de análises arqueométricas que se poderá afinar, com maior precisão, as áreas produtivas mais preeminentes do mundo romano e corroborar as propostas apresentadas.

Assim, o ensaio de distinção de diferentes grupos de fabrico no conjunto de cerâmica de paredes finas recolhido no Monte Molião que aqui apresentamos não passa de uma mera proposta, esboçada com base na similitude observada entre vários conjuntos de fragmentos, que terá de ser confirmada ou desmentida através de análises futuras. É baseado na análise macroscópica dos exemplares, recorrendo à utilização de uma lupa binocular de quinze aumentos.

Procurámos não ser excessivamente ambiciosas na atribuição de proveniências exactas, até porque a similitude das descrições patentes em diversos trabalhos publicados sobre estes conjuntos parece evidenciar certas coincidências ao nível das descrições macroscópicas que tornam difícil diferenciar e determinar áreas específicas de produção.

Grupo de fabrico 1: Pastas mediantemente depuradas, com tonalidades que variam entre o laranja avermelhado e o castanho rosado. As superfícies não exibem vestígios de polimento, sendo ligeiramente rugosas ou alisadas. Em alguns destes exemplares são observáveis algumas partículas brancas, que poderão corresponder a calcites. Este grupo apresenta fortes semelhanças com as descrições realizadas para as produções da Etrúria (Ricci, 1985: 344), sendo possível admitir esta proveniência. Está escassamente representado no conjunto, com apenas oito fragmentos (8 NMI) que se encontram, na maior parte dos casos (5 NMI), associados à fase de ocupação romano-republicana detectada no sítio algarvio.

Grupo de fabrico 2: Pastas finas e muito bem depuradas, de tonalidades que variam entre o castanho e o laranja-avermelhado, e, em algumas ocasiões, o cinzento. As superfícies são, na grande maioria dos casos, cuidadosamente polidas. Em alguns escassos exemplares (cinco fragmentos), pode observar-se a aplicação de um engobe negro que cobre as superfícies dos vasos e, numa única peça, um revestimento similar, mas de tom avermelhado. Parecem corresponder também a importações da Península Itálica, ainda que seja difícil determinar, por agora, uma origem mais concreta. É um dos grupos mais bem representado no conjunto, com 118 fragmentos (83 NMI).

Grupo de fabrico 3: Pastas cozidas em ambientes redutores, conferindo-lhe tonalidades cinzentas. É muito provável que aqui coexistam fabricos de diferentes proveniências, não sendo de excluir a possibilidade de alguns puderem pertencer aos grupos anteriormente definidos. Com efeito, as produções de cerâmi-

ca de paredes finas de pastas cinzentas ocorrem em múltiplas áreas do mundo romano, quer dentro da própria Península Itálica (Ricci, 1985: 346-349), quer em outros territórios mais periféricos, destacando-se, a título de exemplo, nas zonas mais ocidentais, os fabricos da área catalã e de Ibiza (Fernández e Granados, 1986; López Mullor, 1990; 2008; López Mullor e Estarellas, 2002; 2003). Atendendo ao grau de depuração da pasta, consideramos relevante realizar uma ulterior sub-divisão dos materiais incluídos neste grupo, ainda que não seja possível propor, em nenhum dos casos, uma origem geográfica específica.

Grupo de fabrico 3a: Pastas muito bem depuradas, sendo difícil a identificação de elementos não plásticos. As superfícies são, na maior parte dos casos, polidas, destacando-se a aplicação, num único exemplar, de um engobe negro. Está representado por 18 fragmentos (11 NMI).

Grupo de fabrico 3b: Pastas menos depuradas, sendo geralmente observáveis partículas de elementos não plásticos, que poderão corresponder a quartzos e calcites. As superfícies apresentam-se, em grande parte dos casos, apenas alisadas ou mesmo ligeiramente rugosas, sendo os exemplares polidos mais raros (12 exemplares). Em certas ocasiões, podem exibir vestígios da aplicação de engobes negros. Engloba 35 fragmentos (21 NMI).

Grupo de fabrico 4: Pastas finas e muito bem depuradas, acinzentadas de tons muito claros, e as superfícies são polidas, podendo, por vezes, apresentar vestígios de uma aguada amarelada. É um grupo pouco representativo no conjunto, contando com apenas 12 fragmentos (10 NMI). Corresponde às produções tipo “casca de ovo”, consideravelmente frequentes no território peninsular (Mayet, 1975: 69; Mínguez, 1991: 88).

Grupo de fabrico 5: Pastas calcárias, de tonalidades amareladas ou beges, apresentando, na grande maioria dos casos, engobes brilhantes, de tons alaranjados, por vezes com reflexos metálicos. É o grupo mais numeroso do conjunto, contando com 237 fragmentos (79 NMI), correspondendo aos típicos fabricos béticos.

Grupos de fabrico raros

Alguns fragmentos que incluímos no grupo de cerâmica de paredes finas não se integram nos fabricos anteriormente descritos. Correspondem, na grande maioria dos casos, a peças únicas, que podem pertencer a centros de produção de fraca difusão ou mesmo a fabricos locais que se poderiam integrar na categoria de “cerâmicas de imitação”.

Fabrico Raro 1: pasta calcária, bem depurada, de tonalidade bege e superfícies polidas. Poderá corresponder a um fabrico da zona meridional da actual Andaluzia. Está representado por três fragmentos (2 NMI).

Fabrico Raro 2: Pastas castanha-acinzentadas ou castanha-alaranjadas, pouco depuradas, e de superfícies rugosas. Poderão corresponder a fabricos locais, integrando três fragmentos (3 NMI).

Fabrico Raro 3: Pasta alaranjada e superfícies cinzentas, pouco depurada, mas com polimento externo. Tal como no caso anterior, poderá corresponder a um produto local, contando com um único fragmento (1 NMI).

Fabrico Raro 4: Pasta alaranjada, mediantemente depurada, onde são identificáveis alguns elementos de calcite, sendo as superfícies apenas alisadas e não polidas. Não é possível atribuir uma proposta concreta de proveniência para este fabrico, que engloba dois exemplares (2 NMI).

Fabrico Raro 5: Pasta bege clara, bastante bem depurada e de superfícies apenas alisadas, podendo corresponder, eventualmente, a um fabrico andaluz. Integra um fragmento (1 NMI).

2.3. AS FORMAS E A ANÁLISE CONTEXTUAL

2.3.1 A fase romano – republicana (finais do século II a inícios do século I a.C.)

Como já foi referido anteriormente, os trabalhos de escavação realizados no Monte Molião permitiram identificar uma série de contextos estratigráficos datáveis de época romano-republicana (Arruda e Sousa, 2013: 103-105; Pereira e Arruda, 2016). Os materiais arqueológicos recolhidos nestes contextos são diversificados, incluindo ânforas de importação itálica (escassas Greco-Itálicas e maioria de Dressel 1), africana (Mañá C2a e Tripolitanas Antigas), e da área andaluza (Mañá C2b, Castro Marim 1 / tipo B de Pajar de Artillo, 8.211, 9.111, variantes evoluídas de Mañá Pascual A4 e do tipo Pellicer D e Dressel 1A) (Arruda e Sousa, 2013), campaniense de tipo A (Lamboglia 5, 5/7, 6, 8, 25, 27, 31, 36), B (Lamboglia 4) e calena (Lamboglia 5 e 5/7) (Dias, 2010), cerâmica de tipo Kuass (sobretudo das formas II e IX-A de Niveau de Villedary y Mariñas – Sousa e Arruda, 2013), *kalathoi* ibéricos (Muccioli, 2014a), lucernas do tipo Dressel-Ricci 3 (Pereira e Arruda, 2016) e cerâmicas ditas comuns de diversas proveniências (Sousa e Arruda, 2014a, 2014b), para além de alguns numismas de *Cilpes*, *Mvrtili*, *Beuipum* e um asse de bronze fundido de cronologia anterior a 89 a.C. (Muccioli 2014b: 54-55). Também pertinente para a caracterização cronológica desta fase é a completa ausência de produções anfóricas de morfologias plenamente romanizadas fabricadas no vale do Guadalquivir, cujo aparecimento parece remontar a uma fase antiga do século I a.C., ainda que o seu auge ocorra apenas em meados dessa centúria (García Vargas *et al.*, 2011).

Entre os contextos conservados desta fase, datados, grosso modo, entre os finais do século II e os inícios do século I a.C., foram exumados 50 fragmentos de cerâmica de paredes finas (40 NMI), dos quais cinco (2 NMI) não permitiram uma classificação formal. FIG. 4

Entre os elementos de bordo, identificou-se apenas um fragmento seguramente atribuível ao tipo Mayet I / Marabini I / Ricci 1/1 e 1/359 (1 NMI – Fig. 4 – n.º 1), caracterizado pelo bordo de perfil em S, que parece ter sido importado da Etrúria (Grupo 1). Trata-se de uma forma amplamente difundida no Mediterrâneo e parte da costa atlântica entre o século II a.C. e meados da centúria seguinte (Marabini, 1973: 49; Mayet, 1975: 25; Ricci, 1985: 243-244; López Mullor, 1990: 95-96).

O tipo Mayet II, que engloba copos de perfil fusiforme ou ovóide, é a forma mais bem representada no conjunto, contando com nove fragmentos (9 NMI – Fig. 4 – n.º 2 a 10). A esmagadora maioria das peças pertence a variantes de bordo côncavo (Marabini, 1973: Pl. 3 – n.º 28; Ricci 1/7, 1/14, 1/361). Deve, contudo, assinalar-se que um destes exemplares (Fig. 4 – n.º 3), o único que poderá corresponder a uma produção da Etrúria (Grupo 1), apresenta uma característica peculiar: uma canelura na zona externa do bordo, que lhe confere um suave perfil em S, podendo corresponder a uma forma de transição entre o tipo anterior (Mayet I) e o II. Um outro fragmento (Fig. 4 – n.º 2) exhibe também um bordo atípico, de secção sub-circular e ligeiramente engrossado. Formas semelhantes a esta foram incluídas por M. T. Marabini no seu tipo III (1973: Pl. 3 – n.º 26 e 29), cuja equivalência com a forma II de Mayet tem sido geralmente assumida. A maioria destes fragmentos apresenta características de fabrico associáveis às produções itálicas (Grupo 2), com a exceção de uma peça (Fig. 4 – n.º 10), de pasta pouco depurada e superfície mais rugosa (Fabrico Raro 2), que poderá relacionar-se com uma eventual produção local. Esta forma, muito frequente em contextos republicanos, foi fabricada a partir de meados do século II a.C., perdurando, pelo menos, até à segunda metade da centúria seguinte (Marabini, 1973: 58; Ricci, 1985: 245), podendo chegar, inclusive, até à época de Augusto (López Mullor, 1990: 99).

Outros sete exemplares (7 NMI – Fig. 4 – n.º 11 a 16) são semelhantes aos anteriores, mas apresentam uma altura de bordo mais desenvolvida, permitindo a sua classificação no tipo Mayet III / Marabini IV e VII / Ricci 1/16 a 1/20. Quatro fragmentos (Fig. 4 – n.º 11, 12 e 14) parecem corresponder a importações itálicas (Grupo 2), sendo um outro (Fig. 4 – n.º 13) quase seguramente oriundo da Etrúria (Grupo 1). Um fragmento (Fig. 4 – n.º 15) enquadra-se no que foi designado por Fabrico Raro 1, podendo eventualmente corresponder a uma produção andaluza, sendo o restante (Fig. 4 – n.º 16) do Fabrico Raro 2, talvez de origem local. Copos

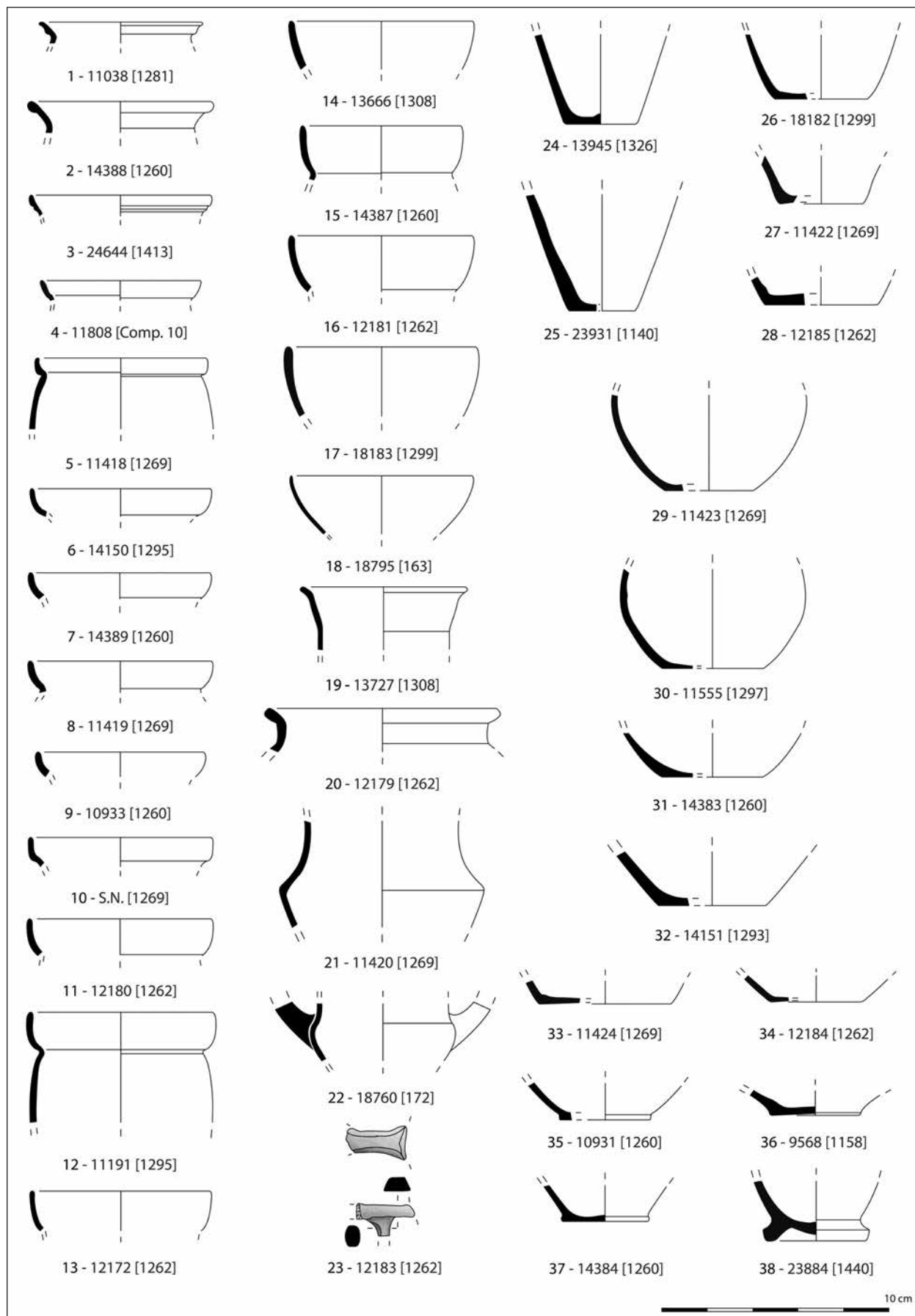


Fig. 4. Cerâmica de paredes finas recolhida em níveis de cronologia romano-republicana.

desta morfologia são comuns em horizontes artefactuais do período romano republicano. Ainda que F. Mayet tenha atribuído a esta forma uma cronologia mais tardia do que às precedentes (1975: 29), os dados de Cosa permitem atestar a sua presença a partir de meados do século II a.C., perdurando até ao início do reinado de Augusto (Marabini, 1973: 59; Ricci, 1985: 248), balizas confirmadas também em vários outros locais (López Mullor, 1999: 104).

Dois fragmentos (2 NMI – Fig. 4 – n.º 17 e 18) apresentam bordos de perfil mais desenvolvido e de tendência oblíqua, aproximando-se do tipo Mayet VIII / Ricci 1/193 e 1/194, ainda que a coerência interna desta morfologia tenha sido já discutida (López Mullor, 1990: 122). Ambos são integráveis no grupo das produções itálicas (Grupo 2). Um outro fragmento de parede (Fig. 4 – n.º 21), de idêntico fabrico, exhibe um perfil carenado que pode associar-se também a este tipo formal (Mayet, 1975: Pl. XII – n.º 91). Vasos com esta morfologia são bastante frequentes nos contextos mais ocidentais de fase romano-republicana, ainda que subsistam algumas dúvidas sobre a sua cronologia. F. Mayet indicou uma datação balizada entre os meados do século I a.C. e o período augustano (Mayet, 1975: 39), com base sobretudo nos motivos decorativos e nas características das argilas de certos exemplares, proposta genericamente aceite por A. Ricci (1985: 278-279). Contudo, os contextos de recolha destes exemplares em Monte Molião poderão permitir discutir um início da sua produção em momentos um pouco mais recuados.

Entre os fragmentos de bordo conta-se ainda um outro exemplar (1 NMI – Fig. 4 – n.º 19), de perfil exvertido e colo alto e rectilíneo, que encontra os seus melhores paralelos na forma Marabini XVII / Ricci 1/79. Este tipo parece ter sido produzido na zona central da Península Itálica a partir do segundo quartel do século II a.C., perdurando, pelo menos, até ao reinado de Cláudio (Marabini, 1973: 77-78). Integra-se nas produções da Etrúria (Grupo 1).

Um último fragmento de bordo (1 NMI – Fig. 4 – n.º 20) exhibe um perfil integrável no tipo XXXI de M. T. Marabini / Ricci 1/59, que engloba jarros de corpo globular, colo curto e vertical e bordo exvertido, produzidos entre a fase republicana (século II e I a.C.) e o reinado de Augusto (Marabini 1973: 100-101), ainda que A. Ricci se incline para uma produção mais centrada na fase mais recente (Ricci, 1985: 257). O exemplar recolhido em Monte Molião apresenta uma pasta cinzenta (Grupo 3b), sendo difícil assegurar se corresponde a uma importação itálica ou a fabricos ibéricos.

Dois fragmentos de asa foram também contabilizados neste conjunto. Um deles (1 NMI – 12183), de produção itálica (Grupo 2), corresponde seguramente à forma IX de F. Mayet (Marabini XXVIII-XXIV /

Ricci 2/422-423, 2/210, 2/341), cuja cronologia se estende desde o primeiro quartel do século I a.C. até ao período augustano (Marabini, 1973: 87; Mayet, 1975: 42; Ricci, 1985: 295; López Mullor, 1990: 123-124). O restante (1 NMI – 18760) exhibe uma asa de secção oval, conservando ainda parte da parede, de perfil carenado (Grupo 3a). Dado o estado de conservação do fragmento, torna-se difícil propor uma classificação assertiva, ainda que as suas características morfológicas permitam uma aproximação, com grandes reservas, às formas VI ou X de F. Mayet, datáveis entre os inícios do século I a.C. e o período augustano (Mayet, 1975: 37, 44).

Os fragmentos de fundo são abundantes nos níveis conservados da fase romano-republicana, ainda que, por norma, não permitam uma classificação tipológica precisa.

Onze exemplares (11 NMI – Fig. 4 – n.º 24 a 28) apresentam a base plana, anunciando um perfil fusiforme, que poderão, com grande probabilidade, corresponder ao tipo I ou II de F. Mayet. São, na sua maioria, enquadráveis nas produções itálicas (Grupo 2), sendo um deles provavelmente importado da Etrúria (Grupo 1 – Fig. 4 – n.º 25), registando-se ainda uma eventual produção local (Fabrico Raro 2 – Fig. 4 – n.º 28).

Outros seis fragmentos (1 NMI – Fig. 4 – n.º 29 a 34), também de base plana mas com corpo marcadamente globular, poderão integrar-se no tipo Mayet III, todos pertencentes ao grupo das importações itálicas (Grupo 2).

Três fragmentos (2 NMI – Fig. 4 – n.º 35 a 37) exibem um pé destacado, característica que se verifica quer no tipo anteriormente referido (Mayet III) quer nas bases da forma Mayet VIII. São todos integráveis no grupo das produções itálicas (Grupo 2), sendo de assinalar a presença de engobe negro na superfície externa de um dos exemplares (Fig. 4 – n.º 35), e de uma aguada esbranquiçada no interior de um outro (Fig. 4 – n.º 36).

Por último, resta referir um fragmento de fundo (1 NMI – Fig. 4 – n.º 38) de pé anelar, bem destacado, que poderá pertencer à base de um copo da forma Mayet II (1975: Pl. III – n.º 19). Integra-se no Grupo 3a, que poderá corresponder quer a produções itálicas quer a fabricos mais ocidentais.

Discussão

As formas mais abundantes no conjunto de cerâmica de paredes finas exumado nos níveis romano-republicanos de Monte Molião são o tipo Mayet II (23,7%) e III (21,1%), situação que se torna ainda mais evidente se contabilizarmos também os elementos de fundo que terão pertencido, com grande probabilidade, a estas mesmas morfologias (31,6%). Destaca-se tam-

bém a presença da forma Mayet VIII (5,3%). Os restantes tipos, Mayet I, Mayet IX, Marabini XVII e Marabini XXXI encontram-se escassamente representados no conjunto, contando com apenas um exemplar (2,6%) cada.

Com efeito, a variedade formal que se verifica entre o conjunto de cerâmica de paredes finas republicanas de Monte Molião não é compatível com cronologias muito antigas, especialmente quando comparada com os dados obtidos em contextos bem datados do terceiro quartel do século II a.C., como é o caso de Valência (Álvarez *et al.*, 2003; Ribera i Lacomba, 2010), ou de Lisboa (Pimenta, 2005; Pimenta *et al.*, 2015; Mota *et al.*, 2015), nos quais apenas se registou a presença praticamente exclusiva dos tipos I e II de Mayet. Apesar destas morfologias se encontrarem ainda bem representadas na fase republicana do sítio algarvio, a sua associação com novos tipos, assim como as características do restante espólio recuperado (Arruda e Sousa, 2013; Dias, 2010; Sousa e Arruda 2013, 2014a e 2014b), obriga a considerar uma cronologia mais tardia, que muito provavelmente se iniciou apenas a partir do último quartel do século II a.C. É ainda difícil determinar com precisão qual a extensão temporal desta fase republicana.

Neste âmbito, um aspecto que merece alguma discussão é a presença de dois exemplares da forma Mayet VIII no repertório aqui analisado, considerando que a cronologia que é geralmente proposta para esta morfologia se centra entre os meados do século I a.C. e o período augustano (Mayet, 1975: 39; Ricci, 1985: 278-279). No entanto, deve referir-se que estas balizas foram suportadas, quase exclusivamente, pela análise morfológica e tecnológica das peças desta forma, uma vez que os dados estratigráficos que permitiam a sua contextualização eram francamente escassos. Pensamos que o contexto de recolha dos materiais de Monte Molião possibilita agora considerar que o início do fabrico desta forma pode remontar a um momento seguramente anterior aos meados do século I a.C. Com efeito, as características da cerâmica campaniense (Dias, 2010), dos vasos de tipo Kuass (Sousa e Arruda, 2013) e do conjunto de ânforas associado a estes momentos (Arruda e Sousa, 2013), no qual se destaca a ausência de morfologias plenamente romanizadas produzidas no Vale do Guadalquivir, obriga a considerar um limite inferior mais recuado, centrado talvez em torno dos meados da primeira metade do século I a.C., senão mesmo do seu início.

Um outro aspecto que é relevante frisar é o domínio quase absoluto dos grupos de fabrico que assumimos serem originários da Península Itálica (Grupos 1 e 2), que constituem 84,3% do conjunto. As produ-

ções cinzentas (Grupos 3a e 3b) estão escassamente representadas (7,9%), assim como os fabricos raros (F. R. 1 e 2), que podem pertencer a produtos andaluzes ou locais (7,9%).

2.3.2 A fase Augusto/Tiberiana

Os contextos que podemos datar especificamente dos dois primeiros imperadores da dinastia júlio-cláudia foram, até ao momento, identificados apenas nos primeiros níveis de enchimento da cisterna construída no topo da elevação (UEs 1484, 1485 e 1490).

Apesar de a maioria do material recuperado se encontrar ainda em fase de estudo, podemos adiantar que foram reconhecidas algumas associações contextuais que importa destacar. Nestes contextos, as ânforas Haltern 70 produzidas em centros oleiros do vale do Guadalquivir (Arruda e Viegas, 2016), a *terra sigillata* itálica (Consp. 4.2.), sud-gálica (marca de Montans: L. PACONIUS) e as imitações béticas de *terra sigillata*, estavam associadas, o que confirma que a formação destes níveis terá ocorrido durante o primeiro quartel do século I.

Nestes níveis, recolheram-se 17 fragmentos (12 NMI) de cerâmica de paredes finas. FIG. 5

O conjunto é particularmente interessante. A forma mais bem representada é o tipo VIII de Mayet (Ricci 1/193) (7 NMI – Fig. 5 – n.º 39 a 44), apresentando perfis esbeltos, bordos altos e oblíquos e paredes muito finas, aproximando-se dos exemplares englobados por esta autora na sua variante VIII C (Mayet, 1975: 39), ainda que esteja ausente, nestes fragmentos, a decoração que habitualmente acompanha estes vasos. As suas pastas são muito semelhantes aos exemplares que consideramos de produção itálica (Grupo 2), uma origem que também já foi apontada por outros autores (Mayet, 1975: 39; Ricci, 1985: 278-279), ainda que cause alguma estranheza a fraca representatividade desta morfologia nessa região. Por outro lado, a grande abundância deste tipo de recipientes na Andaluzia, frequentemente decorados com espinhos, foi um argumento utilizado para propor uma origem sul hispânica para esta variante específica (López Mullor, 1990: 122; 2008: 365), pelo que a proveniência exacta das peças de Monte Molião é, de momento, difícil de determinar. Tal como já foi anteriormente referido, trata-se de uma forma recorrente nos contextos artefactuais mais ocidentais do mundo romano. A sua presença nos níveis estratigráficos que consideramos já dos primeiros decénios do século I é mais avançada do que aquela habitualmente atribuída a este tipo (pré-augustana) (Mayet, 1975: 39; Ricci, 1985: 278-279), apesar de a própria investigadora francesa ter reconhecido que a produção da variante VIII C poderia prolongar-se até ao reinado de Augusto (Mayet, 1975: 39). Por outro

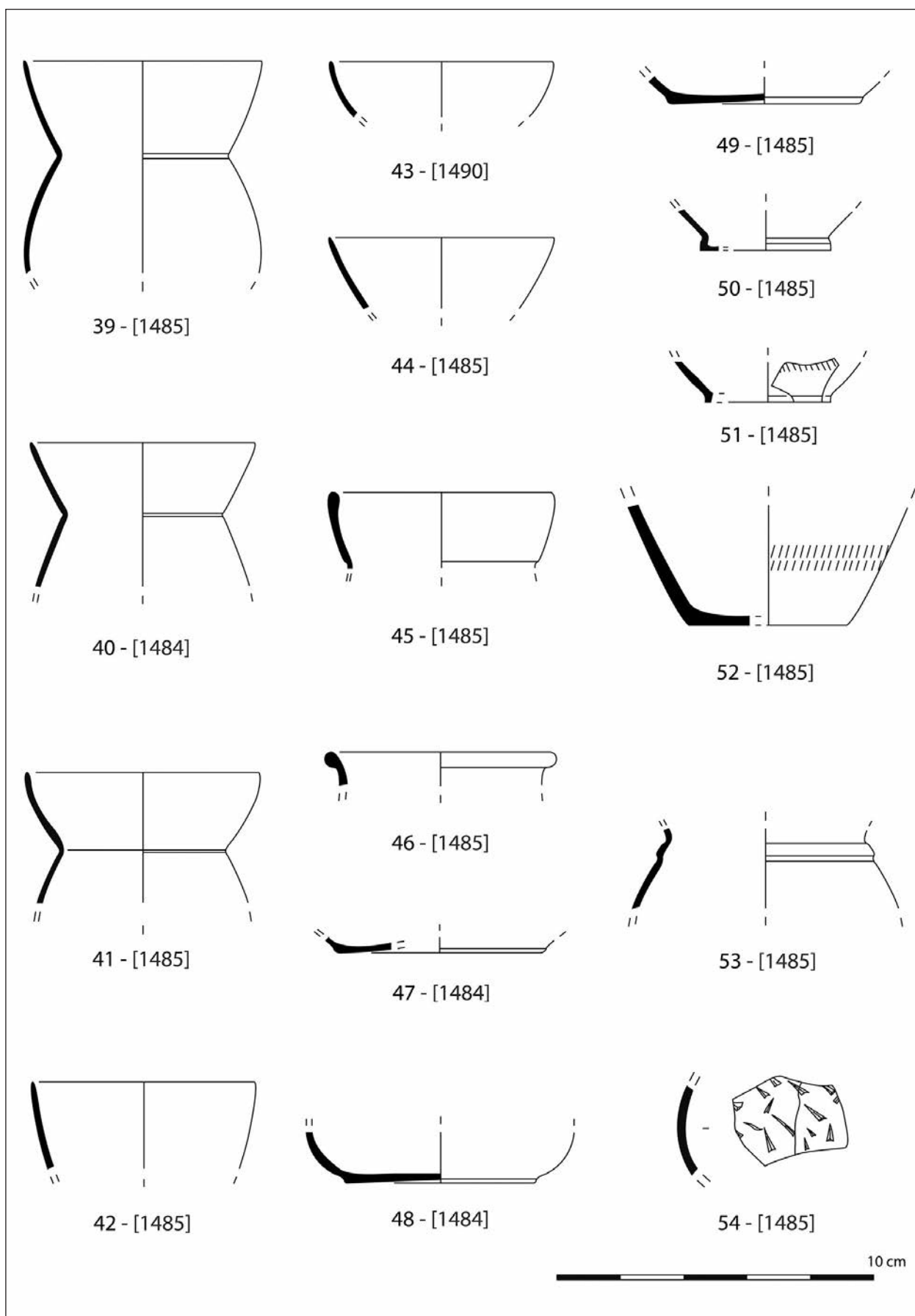


Fig. 5. Cerâmica de paredes finas recolhida em níveis datáveis dos reinados de Augusto e Tibério.

lado, a presença de vasos desta morfologia em contextos mais recentes, datados entre a época de Tibério e Cláudio, foi também já atestada em contextos do sul da Península Ibérica (López Mullor, 2008: 368). É muito provável que a grande maioria dos fundos (Fig. 5 – n.º 47 a 50), que partilham as idênticas características de fabrico, pertençam a estas mesmas peças. A esta mesma forma poderá ainda corresponder um outro fragmento (1 NMI – Fig. 5 – n.º 45), integrado no Fabrico Raro 2, de possível origem local.

Um outro exemplar (1 NMI – Fig. 5 – n.º 46), de bordo exvertido e engrossado, poderá integrar-se na forma XXXI de M. T. Marabini / Ricci 1/59, produzida entre o século II a.C. e o período augustano (Marabini, 1973: 100-101; Ricci, 1985: 257). Trata-se, provavelmente, de uma importação itálica (Grupo 2).

Outros fragmentos recuperados nestes contextos correspondem a bases, tendo um deles (1 NMI – Fig. 5 – n.º 51) pé indicado e pasta bege (Fabrico Raro 5) e o outro perfil aplanado (1 NMI – Fig. 5 – n.º 52) e pasta alaranjada (Fabrico Raro 4). Ambos apresentam *guilhoché* na zona externa.

Por último, deve referir-se a recolha de dois fragmentos de parede integráveis no grupo das importações itálicas (Grupo 2). Um deles encontra-se decorado com espinhos (Fig. 5 – n.º 54), podendo ser recolhido na forma VIII Ca (Mayet, 1975: 39; López Mullor, 2008: 365), e pertencer a uma das peças anteriormente descritas. O restante (1 NMI) corresponde a parte de um colo (Fig. 5 – n.º 53), exibindo uma saliência bem marcada na sua zona superior, característica que permite uma aproximação à forma LXVIII de Marabini / Ricci 1/122, ainda que a sua cronologia desta forma seja mais típica da época Flávia (Ricci, 1985: 268).

Discussão

A importância deste pequeno conjunto reside justamente na fraca representatividade de níveis de cronologia augustana/tiberiana identificados, até ao momento, em Monte Molião. É justamente nestes contextos da fase inicial de enchimento (ou utilização) da cisterna que foi possível, pela primeira vez, documentar estratigraficamente este período cronológico. A sua associação à *terra sigillata* de tipo itálico e às ânforas Haltern 70 corroboram a cronologia proposta, ainda que, como já foi referido anteriormente, o estudo detalhado do restante conjunto esteja ainda a decorrer.

A forma dominante é, sem dúvida, o tipo Mayet VIII, estando as únicas outras duas morfologias reconhecíveis representadas pelos tipos Marabini XXXI e LXVIII, cada com apenas um exemplar.

Neste âmbito, cabe referir que contextos contemporâneos documentados em Valência mostram um

padrão consideravelmente distinto no que diz respeito às tipologias documentadas, ainda que exista algum paralelismo na presença maioritária de importações itálicas (Albiach *et al.*, 1998; Ribera i Lacomba, 2010). Com efeito, e apesar de o conjunto do sítio algarvio ser reduzido em termos numéricos, as produções itálicas são maioritárias (75%), correspondendo as restantes a fabricos raros, cada um dos quais representado por um único exemplar (8,3%). É difícil, de momento, tentar interpretar as divergências observáveis no quadro tipológico. Poderão corresponder somente a padrões de importação diferenciados, considerando a ampla variedade de morfologias que são produzidas na categoria de cerâmica de paredes finas durante o reinado de Augusto e Tibério.

Com efeito, em outras áreas do território português, em contextos datados entre a fase augustana e os meados do século I, como é o caso da necrópole da Rua dos Correeiros, foi possível documentar a associação de copos da forma VIII de Mayet e outros de bordo espessado que apresentam grandes semelhanças com a forma XXXI e LXVIII de Marabini (Bugalhão *et al.*, 2013: 258-261). Na área mais meridional, cabe também destacar a presença abundante dos vasos da forma VIII no Castelo da Lousa, cuja cronologia está grosso modo centrada entre os finais do período republicano e o reinado de Augusto, ainda que esta fase pareça suceder a um momento de ocupação anterior (Morais, 2010; Alarcão *et al.*, 2010).

2.3.3 O Alto Império (segunda metade do séc. I – finais do século II)

Este segundo momento de ocupação é o mais bem documentado em Monte Molião, tendo sido registado em vários dos sectores intervencionados.

No sector A, o período mais antigo desta fase, datado entre os meados e os finais do século I, está representado pela utilização e abandono dos compartimentos 5 e 6, no último dos quais foram identificadas duas pequenas *cetariae* (Viegas e Arruda, 2013) (Fig. 6 e 7). Nos finais desta centúria, ter-se-ia procedido a uma intensa remodelação do espaço, na qual se destaca a construção de novos edifícios, de cariz habitacional, estruturados em torno a espaços de circulação, que terão sido ocupados até sensivelmente meados do século II (Arruda *et al.* 2008; Viegas e Arruda, 2013) (Fig. 8 e 9). A esta fase, segue-se um último momento de ocupação, de pouca visibilidade arqueológica, que se materializa essencialmente na reutilização de parte das estruturas anteriores e em outras construídas sobretudo recorrendo a materiais perecíveis (Arruda *et al.*, 2008), e que se parece centrar em torno à segunda metade do século II (Fig. 10). É possível que uma parte significativa da cerâmica de paredes finas deste último momento seja de natureza residual.

No sector C, a fase de ocupação alto-imperial está plasmada essencialmente numa pequena bateria de fornos destinados ao fabrico de cerâmicas. Aqui, foi possível individualizar, estratigraficamente, os momentos associados, respectivamente, à construção (Fig. 11) e utilização/abandono destas estruturas (Fig. 12) que, contudo, não se distinguem no quadro da cultura material, que é genericamente datável entre o final do século I e os meados do século II (Arruda *et al.*, 2010a).

A cerâmica de paredes finas recolhida nestes níveis alto-imperiais é abundante, totalizando 317 fragmentos (137 NMI). Atendendo à posição estratigráfica e à natureza de vários destes contextos (nivelementos, derrubes, aterros), é possível que alguns dos fragmentos de cerâmica de paredes finas aí recolhidos sejam residuais. FIG. 6 a 12

É o caso, por exemplo, de um fragmento (1 NMI – Fig. 9 – n.º 80) que se parece integrar ainda no tipo II de Mayet, correspondendo a um possível fabrico andaluz (Fabrico Raro 1). Um outro exemplar (1 NMI – Fig. 11 – n.º 101), de proveniência itálica (Grupo 2) poderia também, ainda que com algumas reservas, pertencer a esta mesma tipologia, apesar das suas dimensões ligeiramente superiores.

Possivelmente de natureza residual é também um fragmento (1 NMI – Fig. 12 – n.º 134) que parece corresponder, atendendo ao perfil globular e bordo curto, à forma IX de F. Mayet, ainda que a asa característica desta morfologia esteja ausente e que o diâmetro destas taças sejam geralmente um pouco superior. Um outro exemplar do tipo Mayet III (1 NMI – não representado) também poderá corresponder a uma peça residual. As características das pastas de ambos os exemplares sugerem uma proveniência da Península Itálica (Grupo 2).

A mesma situação poderia ainda aplicar-se a três fragmentos (3 NMI – Fig. 10 – n.º 89; Fig. 11 – n.º 103) que apresentam algumas dificuldades em termos da sua classificação formal, mas que se assemelham, contudo, aos copos englobados na forma Mayet XV, de bordo exvertido e corpo cilíndrico. Pertencem aos grupos de fabrico 1 (2 NMI – Fig. 10 – n.º 89) e 2 (1 NMI – Fig. 11 – n.º 103), de procedência itálica. A sua cronologia parece centrar-se no período augustano (Mayet, 1975: 53).

Cinco fragmentos (5 NMI – Fig. 8 – n.º 68 e 69; Fig. 10 – n.º 90; Fig. 11 – n.º 102; Fig. 12 – n.º 133) exibem um bordo simples e exvertido, colo pouco

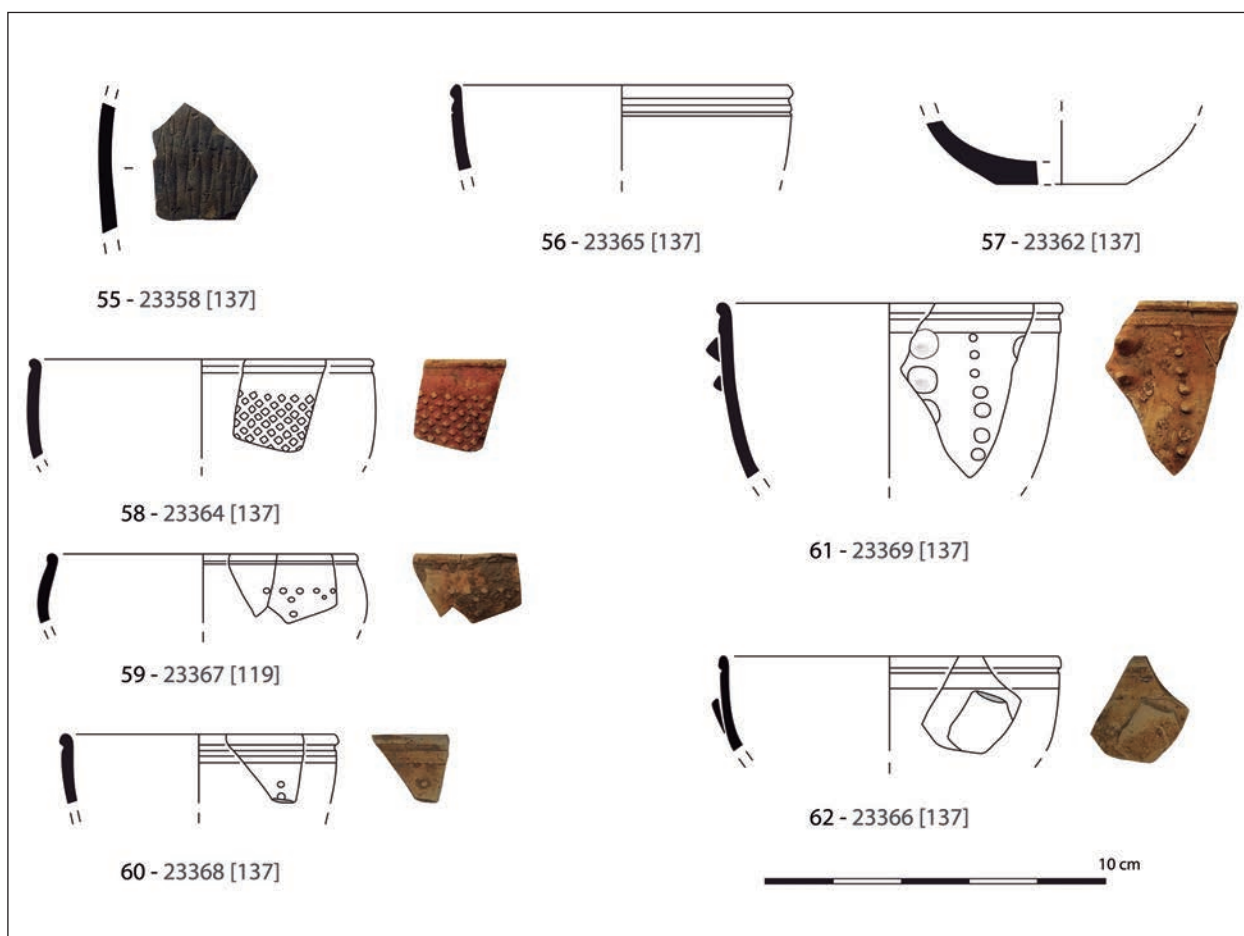


Fig. 6. Cerâmica de paredes finas recolhida em níveis de cronologia alto imperial associados à fase de utilização dos compartimentos 5 e 6 (Sector A).

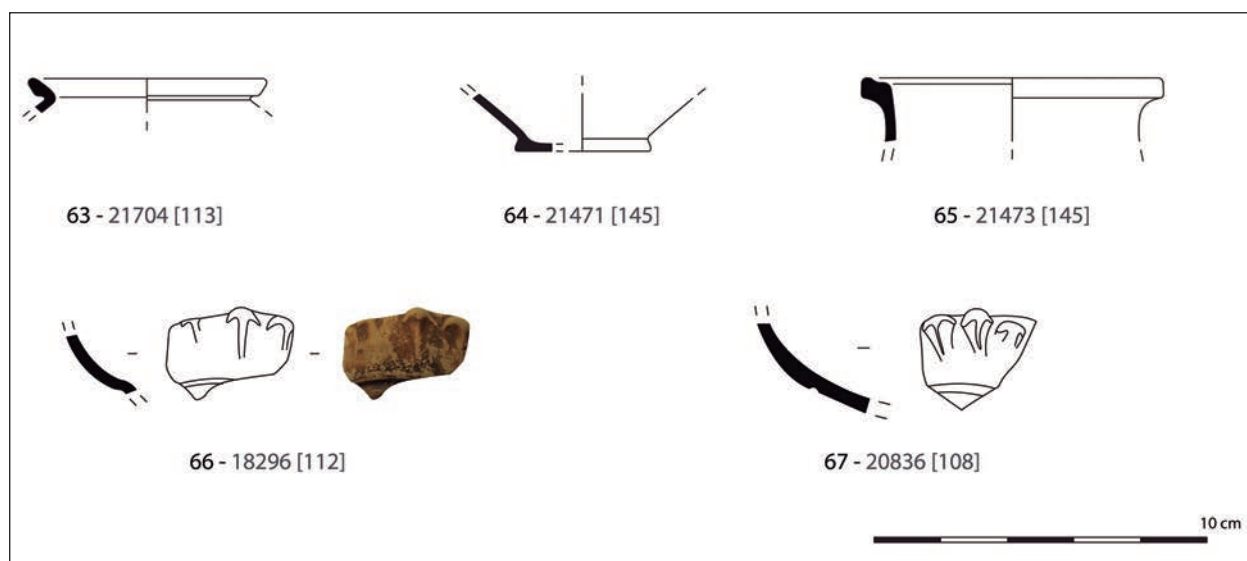


Fig. 7. Cerâmica de paredes finas recolhida em níveis de cronologia alto imperial associados à fase de abandono dos compartimentos 5 e 6 (Sector A).

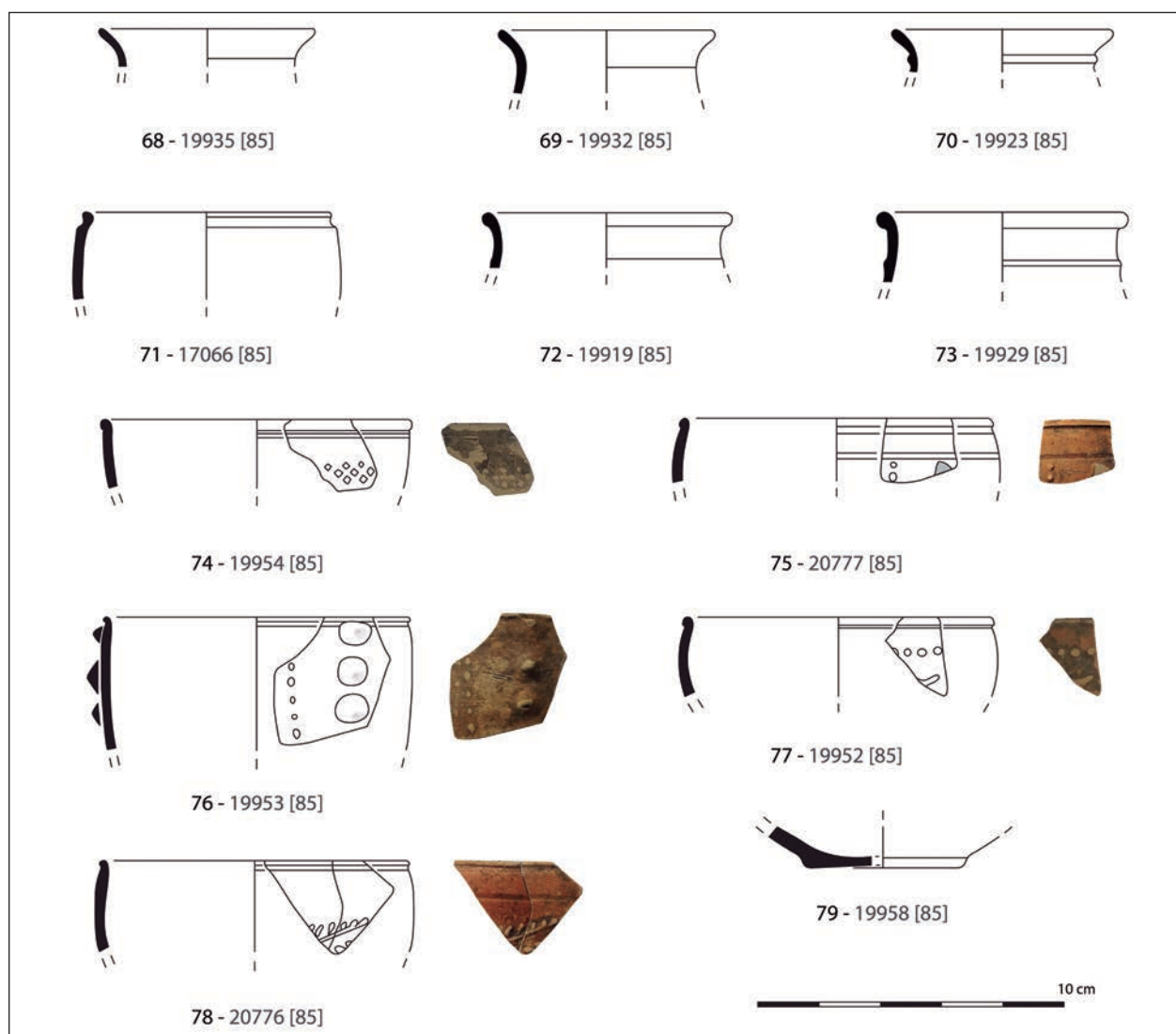


Fig. 8. Cerâmica de paredes finas recolhida em níveis de ocupação de cronologia alto imperial associados à segunda fase de reestruturação arquitectónica do Sector A (finais do século I a meados da centúria seguinte).

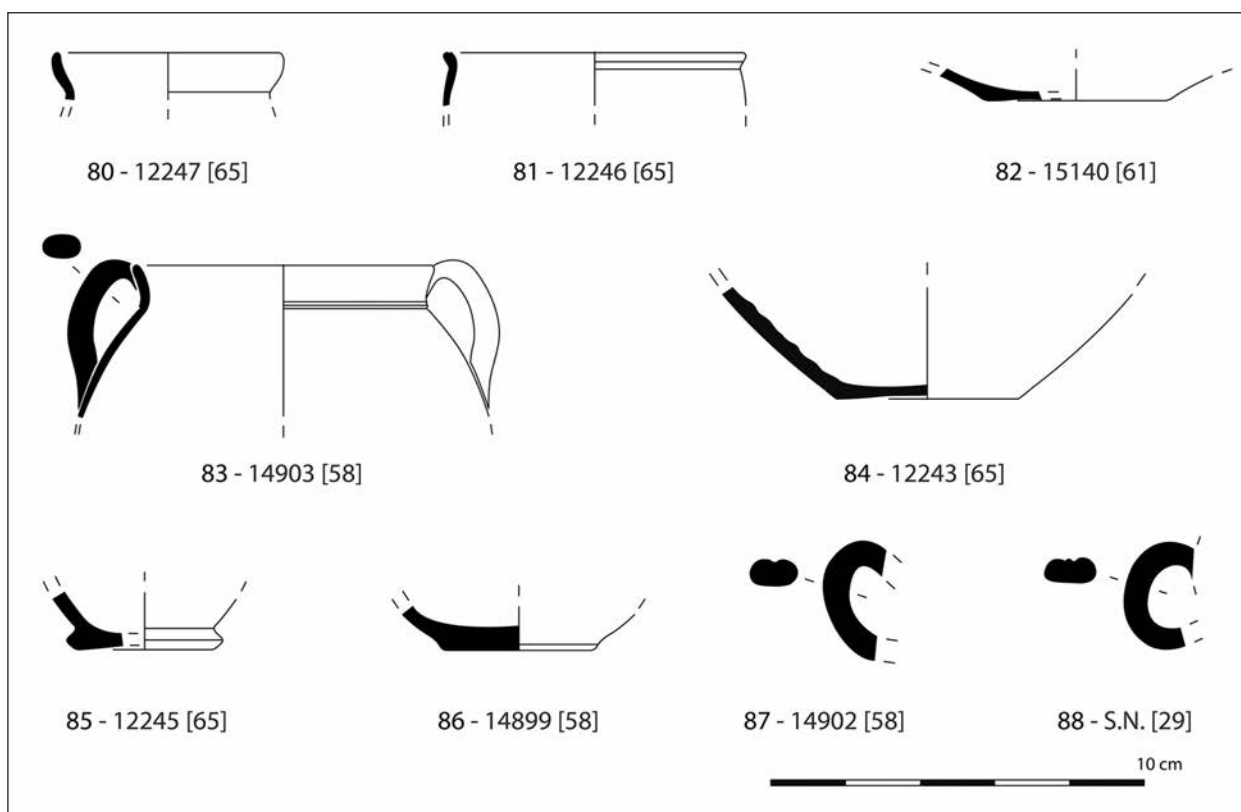


Fig. 9. Cerâmica de paredes finas recolhida em níveis de abandono de cronologia alto imperial associados à segunda fase de reestruturação arquitectónica do Sector A (finais do século I a meados da centúria seguinte).

desenvolvido e corpo aparentemente globular. Trata-se de uma morfologia que encontra paralelos próximos quer em algumas variantes da forma II de F. Mayet (1975: Pl. II – n.º 11 a 14), quer com a forma V de M. T. Marabini (1973: Pl. 5 – n.º 55; Pl. 15 – n.º 157 e 158), documentada em Cosa, desde o século I a.C. e prolongando-se até ao período de Cláudio-Nero (Marabini, 1973: 62-63). Quatro destes exemplares integram-se no grupo das produções itálicas (Grupo 2 - Fig. 8 – n.º 68; Fig. 10 – n.º 90; Fig. 11 – n.º 102; Fig. 12 – n.º 133), um dos quais com vestígios de engobe negro (Fig. 8 – n.º 68), e o restante (Fig. 8 – n.º 69) no Grupo 3a.

Dois fragmentos (2 NMI – Fig. 11 – n.º 105 e 106), de bordo exvertido, colo curto e bem assinalado e corpo ovóide parecem integrar-se no tipo Mayet XXIV / Marabini XV / Ricci 1/30. Um é integrável nas produções itálicas (Grupo 2 - Fig. 11 – n.º 105), apresentando vestígios de engobe negro nas suas superfícies, sendo o restante de pasta cinzenta (Grupo 3a – Fig. 11 – n.º 106). Deve referir-se ainda que um destes exemplares (Fig. 11 – n.º 106) apresenta, na parte superior do corpo, vestígios da decoração penteada que é típica desta forma, ainda que tenham sido também documentadas formas lisas. A sua cronologia centra-se no século I d.C., entre Augusto e os Flávios (Marabini, 1973: 156), ainda que Mayet defenda uma

cronologia um pouco mais curta, centrada sobretudo nos reinados de Tibério e Cláudio (Mayet, 1975: 58).

Três exemplares (3 NMI – Fig. 8 – n.º 70; Fig. 10 – n.º 91; Fig. 12 – n.º 135), de bordo exvertido, colo desenvolvido e assinalado por uma saliência bem marcada, podem integrar-se no tipo LXVIII de Marabini / Ricci 1/122. Trata-se de uma forma que remonta ao período Flávio, mas que se prolonga, pelo menos até aos finais do século II (Ricci, 1985: 268), tendo sido imitada em várias áreas do Império (Ricci, 1985). Um destes exemplares pertence ao Grupo 1 (Fig. 8 – n.º 70), outro ao Grupo 2 (Fig. 10 – n.º 91) e o terceiro (Fig. 12 – n.º 135) ao Grupo 3b.

Um outro exemplar (1 NMI – Fig. 9 – n.º 83) de perfil semelhante aos anteriores, mas apresentando asas de secção sub-circular, encontra os seus melhores paralelos nos tipos 1/124 e 1/368 de A. Ricci que são, efectivamente, consideradas formas inspiradas no tipo Marabini LXVIII / Ricci 1/122. A pasta do exemplar sugere uma proveniência itálica (Grupo 2), ainda que não apresente as superfícies polidas.

Outros dois vasos (2 NMI – Fig. 8 – n.º 71; Fig. 9 – n.º 81) são mais difíceis de classificar. Apresentam um bordo muito curto, com a zona superior quase aplanada, estando bem marcada a sua separação do corpo da peça. A semelhança com os perfis de copos altos do tipo Mayet XVII / Marabini XXXII / Ricci

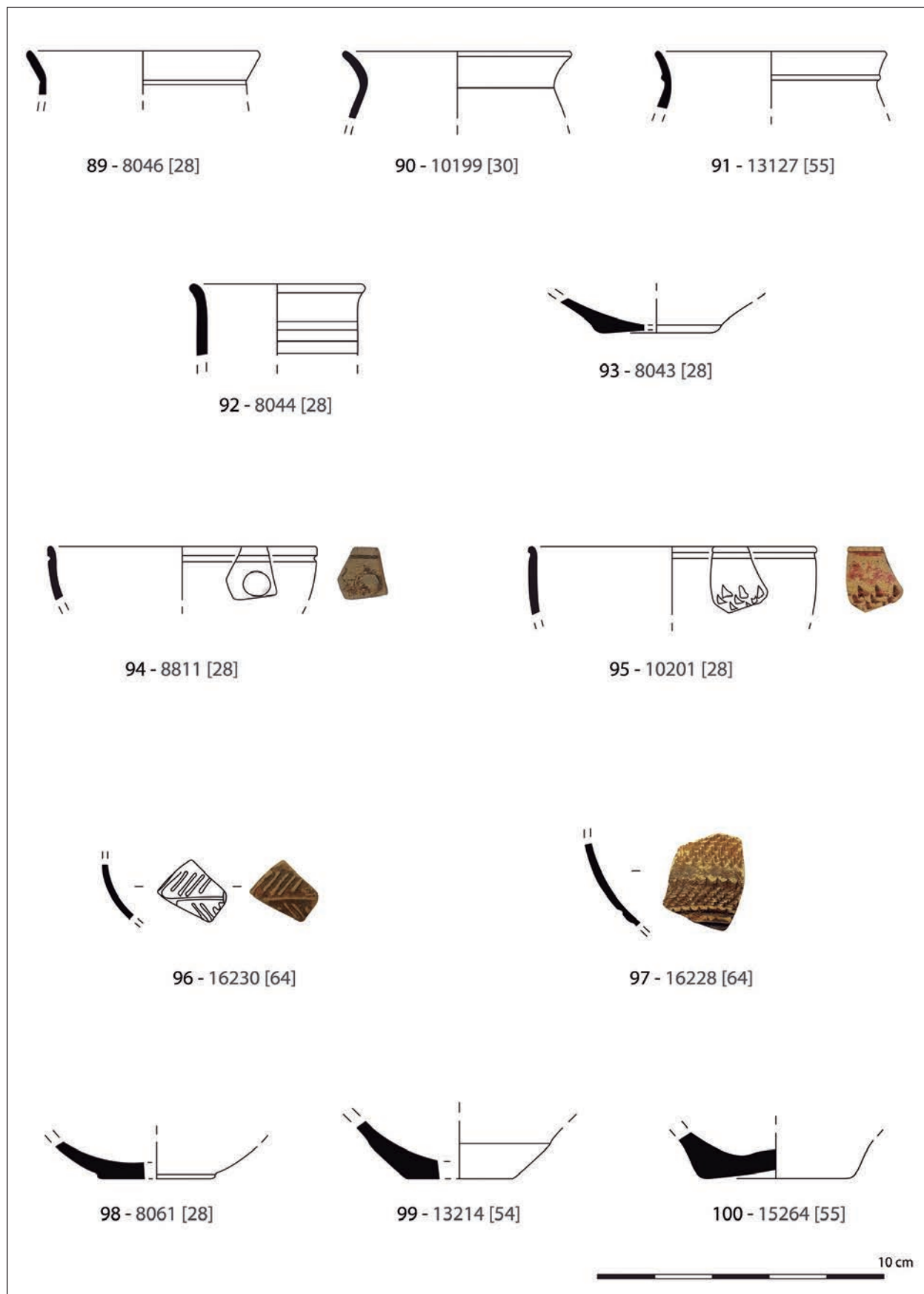


Fig. 10. Cerâmica de paredes finas recolhida nos últimos níveis de ocupação/abandono de cronologia alto imperial do Sector A (meados a finais do século II).

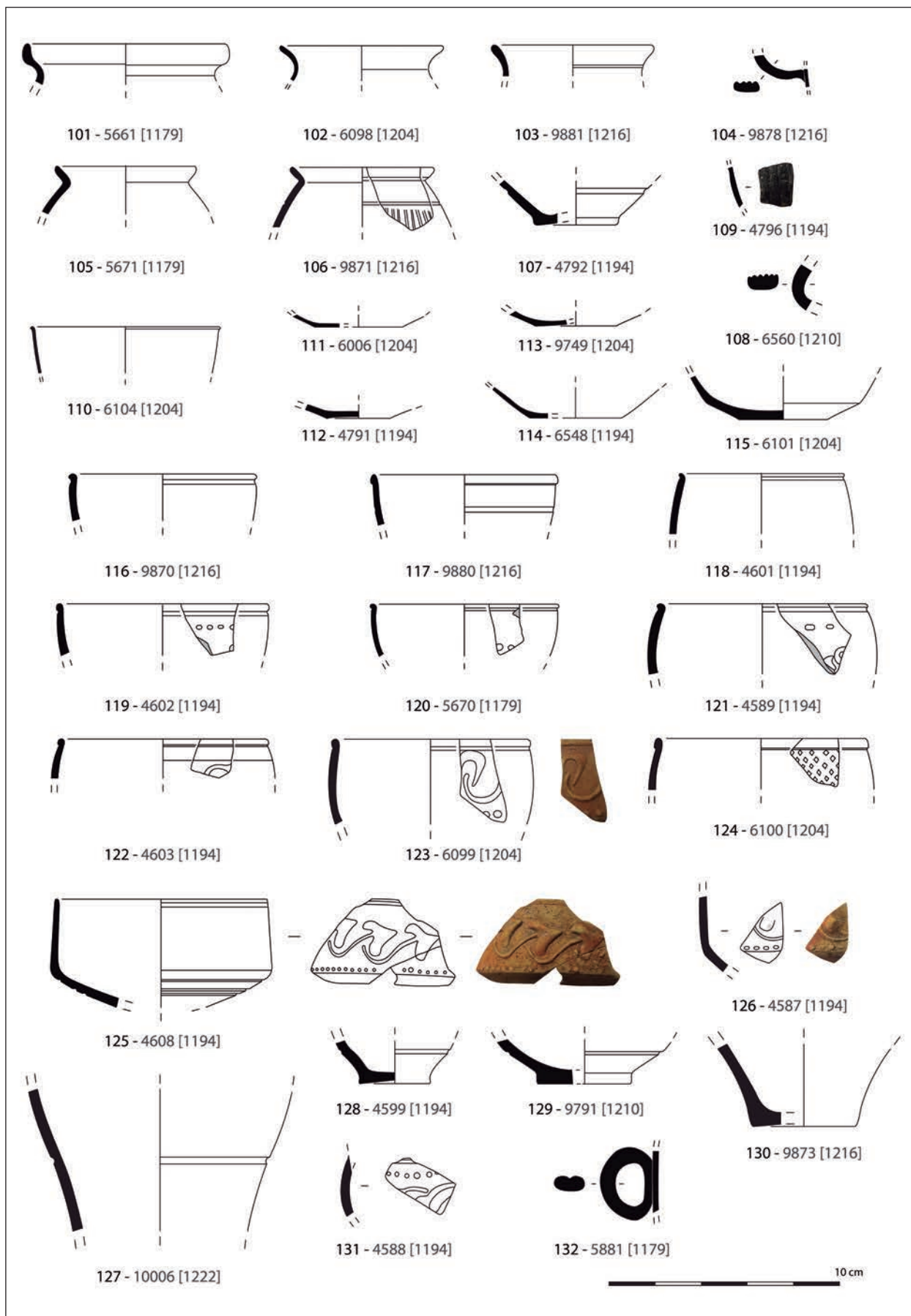


Fig. 11. Cerâmica de paredes finas recolhida na primeira fase da ocupação alto imperial do Sector C.

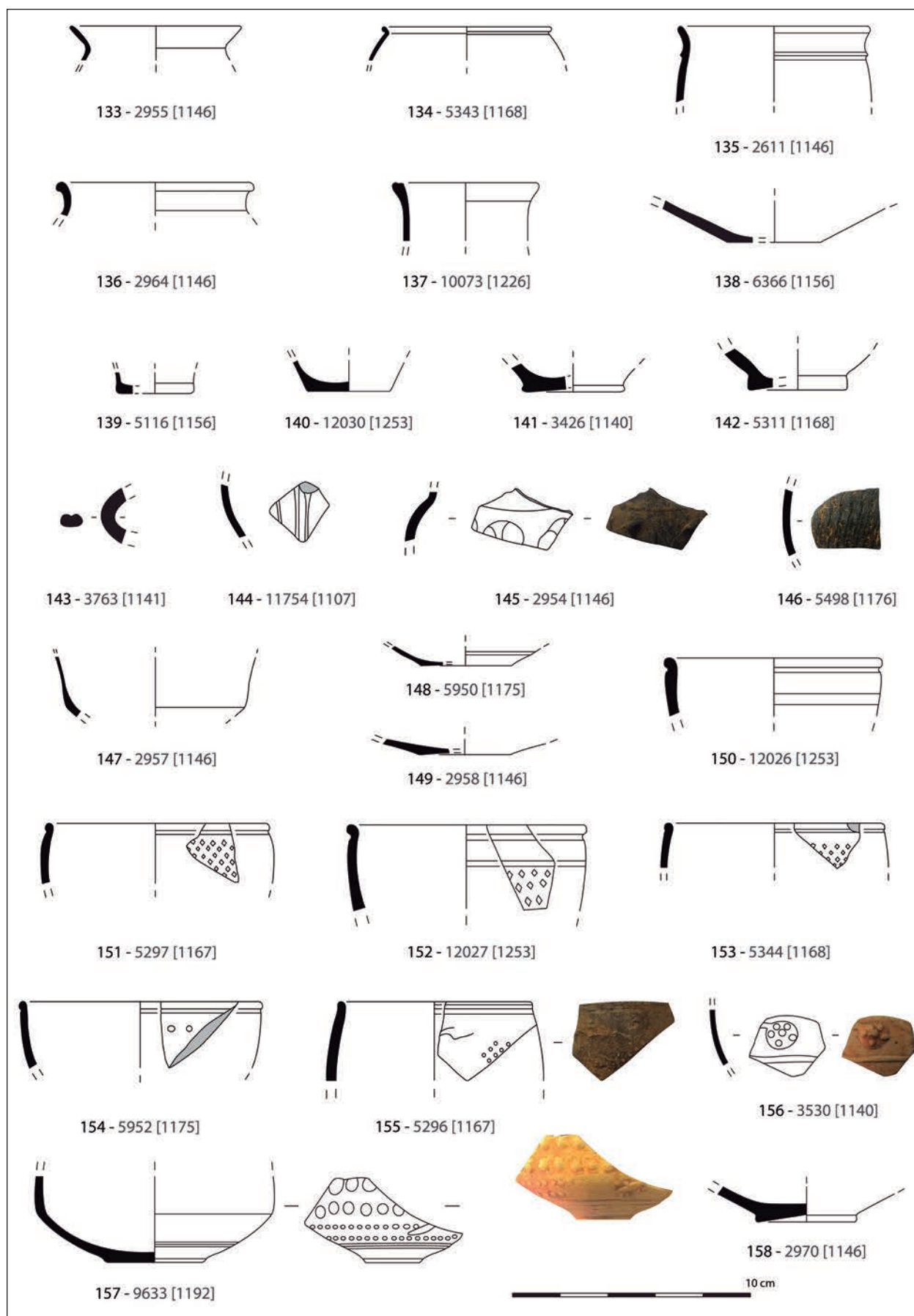


Fig. 12. Cerâmica de paredes finas recolhida na segunda fase da ocupação alto imperial do Sector C.

1/173 permite propor esta classificação, ainda que com algumas reservas. Trata-se de copos de perfil cilíndrico, frequentemente altos, que parecem reproduzir a morfologia dos vasos tipo Aco, alterando, contudo, os motivos decorativos (Marabini, 1973: 101; Mayet, 1975: 54). Surgem durante o reinado de Augusto, perdurando até ao século II (Ricci, 1985: 277). Ambos os exemplares do Monte Molião são integráveis no grupo das produções itálicas (Grupo 2).

Dois outros fragmentos (2 NMI - Fig. 8 - n.º 72; Fig. 12 - n.º 136) de bordo ligeiramente engrossado e secção circular, colo alto e vertical e corpo aparentemente globular poderiam enquadrar-se no tipo XXXI de Marabini / Ricci 1/59. O início desta produção parece remontar ao período augustano, podendo prolongar-se até à segunda metade do século II (Marabini, 1973: 100-101). Os exemplares de Monte Molião apresentam pastas cinzentas, sendo um associável ao Grupo 3a (Fig. 12 - n.º 136), com vestígios de engobe negro nas suas superfícies, e o outro ao Grupo 3b (Fig. 8 - n.º 72).

Um outro exemplar semelhante (1 NMI - Fig. 8 - n.º 73), mas com colo mais alto, poderia enquadrar-se no tipo LX de Marabini / Ricci 1/57, datáveis do período augustano (Ricci, 1985: 256), ainda que apresente uma saliência na zona inferior do colo que não consta nas tipologias indicadas. Integra-se no Grupo 3b, podendo tratar-se de uma imitação destes vasos ovóides, de proveniência indeterminada, e de cronologia consequentemente mais ampla.

Quatro exemplares de diâmetro reduzido, bordo ligeiramente exvertido, colo alto (4 NMI - Fig. 10 - n.º 92; Fig. 12 - n.º 137) e perfil rectilíneo poderiam enquadrar-se no tipo Marabini XVII / Ricci 1/79. Trata-se de uma forma já identificada nos contextos romano-republicanos do sítio algarvio, mas cuja produção se prolonga, pelo menos, até ao reinado de Cláudio (Marabini, 1973: 77-78). Integram-se no Grupo 3b.

Resta referir ainda um outro fragmento (1 NMI - Fig. 7 - n.º 63), de bordo exvertido de secção subtrapezoidal e colo estrangulado, que poderia corresponder, ainda que com algumas reservas, ao tipo Ricci 1/111, identificado em Pompeia (Ricci, 1985; Carandini, 1977). Pertence também ao Grupo 3b.

Neste conjunto constam também vários fragmentos de fundo que, atendendo à grande diversidade de formas documentadas, poderão corresponder a diferentes morfologias.

Destaca-se, contudo, a escassez de perfis mais fusiformes (Fig. 12 - n.º 139 e 140), que pertencem a produções itálicas (Grupo 2), um dos quais (Fig. 12 - n.º 139) com vestígios de engobe de tonalidade avermelhada, na superfície externa.

Os mais frequentes são, sem dúvida, os fundos que anunciam um corpo globular, podendo apresen-

tar bases simples aplanadas (Fig. 9 - 82 e 84; Fig. 10 - n.º 93; Fig. 12 - n.º 138) ou então um pé um pouco mais desenvolvido (Fig. 7 - n.º 64; Fig. 10 - n.º 93; Fig. 11 - n.º 107; Fig. 12 - n.º 141 e 142). A grande maioria pertence ao grupo das importações itálicas (Grupo 2 - Fig. 7 - n.º 64; Fig. 9 - 82, Fig. 12 - n.º 138), sendo os restantes de pasta cinzenta (Grupo 3a - Fig. 12 - n.º 141 e 142; Grupo 3b - Fig. 10 - n.º 93; Fig. 11 - n.º 107). Alguns exemplares exibem um engobe negro nas suas superfícies (Fig. 9 - 82; Fig. 10 - n.º 93). Um único fragmento corresponde ao Fabrico Raro 1 (Fig. 9 - n.º 84), de possível origem andaluza. Alguns fragmentos (Fig. 9 - n.º 85), de fabrico itálico (Grupo 2), exibem um pé claramente destacado.

Registaram-se ainda vários fragmentos de asa, tanto de produção itálica (Grupo 2 - Fig. 11 - n.º 104; Fig. 12 - n.º 143) como de pastas cinzentas, por vezes com engobe negro (Grupo 3b - Fig. 11 - n.º 108).

Por último, resta referir a presença de alguns fragmentos de parede decorados. São raros os de produção itálica (Grupo 2 - Fig. 12 - n.º 144), identificando-se sobretudo decoração em espinhos. Motivos decorativos estão presentes também em alguns fragmentos de parede de produções cinzentas, registando-se o *guilhoché* (Grupo 3b - Fig. 12 - n.º 146), decorações incisas (Grupo 3b - Fig. 6 - n.º 55; Fig. 11 - n.º 109) ou escamas de pinha (Grupo 3a - Fig. 12 - n.º 145).

Os exemplares de paredes finas que são muito possivelmente provenientes da província da Bética são francamente numerosos, situação que, atendendo ao panorama verificado na restante cultura material desta fase, não causa qualquer estranheza.

Entre estes, destaca-se a presença de 12 fragmentos (10 NMI) facilmente integráveis nas produções tipo “casca de ovo” (Grupo de Fabrico 4 - Fig. 11 - n.º 110 a 115; Fig. 12 - n.º 147 a 149), todos provenientes do sector C. A sua cronologia foi inicialmente centrada nos reinados de Cláudio e Nero (Mayet, 1975: 69), mas revisões posteriores permitem balizar esta produção entre o reinado de Tibério e, pelo menos, o início da fase Flávia (López Mullor, 1989: 163; 2008: 368). Os fragmentos podem ser facilmente integrados na forma XXXIV de Mayet / Ricci 2/320. A origem bética destas produções é genericamente assumida, ainda que tendo por base apenas a recorrência destes vasos na região (Mayet, 1975; López Mullor, 1990, 2008; Mínguez, 1991: 88).

No entanto, as produções mais frequentes durante esta fase são, sem dúvida, os fabricos béticos mais típicos (Grupo de Fabrico 5), geralmente com engobes alaranjados brilhantes nas suas superfícies (216 fragmentos - 71 NMI). Destes, 51 fragmentos (12 NMI) não permitiram uma classificação tipológica específica.

Entre as tipologias identificadas, a forma mais frequente é, sem dúvida, o tipo Mayet XXXVII/XXXVIII (161 fragmentos – 55 NMI), sendo difícil, na grande maioria dos casos, estabelecer se possuem, ou não, a carena que permite a distinção entre as duas formas (Mayet, 1975). Muitos destes exemplares encontram-se decorados, maioritariamente com barbotina, distinguindo-se os seguintes motivos: redes de losangos (6 fragmentos – 6 NMI – Fig. 6 – n.º 58; Fig. 8 – n.º 74; Fig. 11 – n.º 124; Fig. 12 – n.º 151 a 153), pérolas e/ou mamilos (11 fragmentos – 11 NMI – Fig. 6 – n.º 59 a 61; Fig. 8 – n.º 75 e 76; Fig. 10 – n.º 94; Fig. 11 – n.º 119 a 120; Fig. 12 – n.º 154, 155 e 157), folhas de água (2 fragmentos – 2 NMI – Fig. 6 – n.º 62; Fig. 11 – n.º 122), palmetas (1 fragmento – 1 NMI – Fig. 8 – n.º 78) e combinações de pérolas e folhas de água (5 fragmentos – 5 NMI – Fig. 8 – n.º 77; Fig. 11 – n.º 121, 123 e 125). Apenas um único exemplar, integrável nesta mesma forma, apresenta uma decoração incisa (1 fragmento – 1 NMI – Fig. 10 – n.º 95). Outros fragmentos de bordo, com perfil geralmente menos conservado, enquadram-se, provavelmente também, nestas morfologias (16 fragmentos – 16 NMI – Fig. 6 – 56; Fig. 11 – n.º 116 a 118; Fig. 12 – n.º 150), assim como vários dos fundos (18 fragmentos – 10 NMI – Fig. 6 – n.º 57; Fig. 8 – n.º 79; Fig. 9 – n.º 86; Fig. 10 – n.º 98 a 100; Fig. 11 – n.º 128 a 129; Fig. 12 – n.º 158), asas (21 fragmentos – 3 NMI – Fig. 9 – n.º 87 e 88; Fig. 11 – n.º 132) e paredes decoradas (6 fragmentos com escamas de pinha – Fig. 7 – n.º 66 e 67; 1 fragmento com palmetas – Fig. 10 – n.º 96; 19 fragmentos com pérolas e/ou mamilos; 5 fragmentos com combinação de pérolas e folhagens de plantas aquáticas – Fig. 11 – n.º 126 e 131; 1 fragmento com folhas arredondadas com pétalas estilizadas ou pérolas – Fig. 12 – n.º 156; 2 fragmentos – folhagem de plantas aquáticas; 22 fragmentos com rede de losangos; 16 fragmentos com motivos a barbotina imperceptíveis; 5 fragmentos com *guilhoché* – Fig. 10 – n.º 97) recolhidas. Os fragmentos que exibem decoração arenosa, sempre na superfície exterior, são extremamente raros, contando com apenas três fragmentos de parede.

Outros dois fragmentos (2 NMI), correspondentes à parte inferior de um vaso alto (Fig. 11 – n.º 127), marcada por uma canelura, e uma base (Fig. 11 – n.º 130), parecem, pelo seu perfil, assemelhar-se à forma XLII de F. Mayet, produzida durante a segunda metade do século I (Mayet, 1975: 96).

Por último, resta referir a presença, neste grupo, de um único fragmento que é integrável no tipo LII de F. Mayet (1 NMI – Fig. 7 – n.º 65), datável da segunda metade do século I, ainda que estas produções se associem, geralmente, a uma origem emeritense e não bética (Mayet, 1975: 113). A mesma forma foi, aliás, documentada na necrópole associada ao sítio algarvio

(Arruda *et al.*, 2010b), tendo-lhe sido recentemente atribuída também uma área de produção localizada na actual Andaluzia (Pereira, 2014), proposta que, ainda que nos pareça provável, terá de vir a ser confirmada futuramente.

Discussão

As cerâmicas de paredes finas da fase alto imperial de Monte Molião são numerosas e relativamente diversificadas quer do ponto de vista morfológico quer no que se refere à origem.

A forma mais bem representada no conjunto é, sem dúvida, o tipo XXXVII/XXXVIII de F. Mayet, com 40,1% do conjunto desta fase. Em quantidades bem menos significativas seguem-se os tipos Mayet XXXIV (7,3%), Marabini V (3,6%), XVII (2,9%), LXVIII (2,9%), XXXI (1,5%) e os tipos Mayet XXIV (1,5%) e XVII (1,5%). As formas menos representadas, que contam com apenas um exemplar cada (0,7%), são os tipos Ricci 1/111 e Marabini LX. Os fragmentos que pensamos poderem ser residuais (tipos Mayet II, III, IX e XV) constituem outros 6,1%, e os que não permitiram uma classificação específica os restantes 29,9%.

Ao nível das produções denota-se um claro predomínio dos vasos béticos (Grupo 4 – 7,3% e Grupo 5 – 51,1%), ainda que os produtos que consideramos ser importados da Península Itálica (Grupo 1 – 2,2% e Grupo 2 – 24,1%) sejam também representativos. As produções em pastas cinzentas aumentam também em relação às fases anteriores, estando agora representadas por 13,2% do conjunto. Os fabricos raros (F. R. 1, 3 e 4) são, como sempre, pouco significativos, com um exemplar cada (0,7%).

Apesar da grande variedade morfológica, em termos gerais, não se registam grandes diferenças em relação a outros conjuntos conhecidos no Algarve, sobretudo o de Cerro da Vila (Quarteira, Loulé), mas também o de Milreu (Teichner, 2008), sobretudo no que diz respeito às principais formas identificadas. Os espólios dos espaços funerários alto-imperiais, muito especialmente os correspondentes à cidade romana de Balsa, englobam também muitas das formas e fabricos agora identificados em Monte Molião (Nolen, 1994; Pereira, 2014).

Deve, contudo, assinalar-se que, e com a ressalva do fragmento integrável no tipo LII de Mayet (*vide supra*), não foi identificado nenhum fragmento claramente associável às típicas produções emeritenses (Rodríguez Martín 1996a e 1996b), ao contrário do que sucede nos territórios mais centro-ocidentais, como é o caso, por exemplo, de Santarém (Arruda e Sousa, 2003) e de Conímbriga (Alarcão *et al.*, 1976). Esta ausência poderá relacionar-se com questões eminentemente político-geográficas, podendo o ter-

ritório algarvio ter ficado à margem dos principais circuitos de distribuição dos vasos fabricados na capital da *Lusitania*, sendo a relação com a vizinha Bética preferencial.

No que se refere ao repertório decorativo, e em particular no que diz respeito aos vasos de origem bética (Grupo 5) cabe assinalar sobretudo a escassez de determinados motivos que, em princípio, deveriam estar mais bem representados no sítio algarvio, como é o caso dos vasos com decoração “arenosa”, típica do segundo quartel do século I, mas que se prolonga até ao final da centúria (Mayet, 1975: 74), e dos obtidos a guilhoché, que são característicos de meados do século I, em concreto entre 30/40 e 60/80 (Mayet, 1975: 77; López Mullor, 2008: 369). É difícil, de momento, determinar se esta escassez se deve a padrões de importação mais específicos ou a parâmetros cronológicos que deverão ser futuramente afinados, situação que só poderá ser esclarecida através da publicação de conjuntos mais extensos e bem caracterizados de outros sítios localizados na região algarvia. Contudo, deve ser assinalado que vasos com estas decorações, particularmente a de tipo arenoso, se encontram bem atestados no sul andaluz, como é o caso, por exemplo, de Mesas de Asta, Cádiz e *Baelo Claudia* (Reinoso del Río, 2001, 2002, 2003, 2010).

No conjunto exumado em Monte Molião, os motivos conseguidos através da técnica da barbotina são, com efeito, os mais abundantes, o que é aliás compreensível, uma vez que constituem o grosso das produções da Bética (López Mullor, 2008: 369). Mais especificamente, as pérolas e/ou mamilos dominam no conjunto, seguidos pelas redes de losangos e decorações vegetalistas. No geral, estas decorações podem datar-se entre os reinados de Cláudio e os finais do século I (Mayet, 1975: 79, 88, 95; López Mullor, 2008: 369), coincidindo com o período áureo da ocupação alto imperial de Monte Molião.

2.3.4 Materiais descontextualizados

Os fragmentos de cerâmicas de paredes finas recolhidos nos níveis superficiais de Monte Molião não são particularmente significativos uma vez que todas as formas aqui documentadas estão presentes também nos contextos conservados (Fig. 13).

Entre os fragmentos que permitem uma classificação mais precisa conta-se um fragmento do tipo VIII de Mayet (Fig. 13 – n.º 159 – Grupo 2), um do tipo Mayet XXIV / Marabini XV / Ricci 1/30 (Fig. 13 – n.º 160 – Grupo 3a) e um do tipo Marabini XXXI / Ricci 1/59 (Fig. 13 – n.º 161 – Grupo 3a). No grupo das importações béticas (Grupo 5) incluem-se, uma vez mais, apenas fragmentos atribuíveis à forma XXXVII/XXXVIII de Mayet, decorados com redes de losangos (Fig. 13 – n.º 165) e pérolas e motivos

vegetalistas (Fig. 13 – n.º 166), para além de dois fundos (Fig. 13 – n.º 167 e 168), um dos quais com um grafito em forma de X na superfície externa (Fig. 13 – n.º 167).

Outros fragmentos de fundo apresentam bases simples e aplanadas, anunciando um corpo globular (Fig. 13 – n.º 162 – Grupo 3a), por vezes com um pé um pouco mais desenvolvido (Fig. 13 – n.º 163 – Grupo 2). A este grupo somam-se também alguns fragmentos de asas (Fig. 13 – n.º 164 – Grupo 3b). FIG. 13

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos gerais, o conjunto de cerâmica de paredes finas de Monte Molião apresenta uma considerável variedade morfológica, estando representados 19 tipos diferenciados.

Ainda que a sua presença seja significativa durante a fase republicana e o período de Augusto – Tibério, é, sobretudo, a partir do reinado de Cláudio que estes recipientes aumentam de forma substancial no repertório artefactual do sítio algarvio, uma realidade que é observável também em muitos outros núcleos de época romana (López Mullor, 2008), e que se justifica, sobretudo, por uma certa liberalização das produções oleiras que se verifica a partir deste momento. Este aumento exponencial dos vasos de paredes finas em Monte Molião relaciona-se, no entanto, quase exclusivamente com o grande êxito dos vasos da forma XXXVII/XXXVIII de Mayet, produzidos na Bética, que é, sem qualquer dúvida, a morfologia mais bem representada em todo o conjunto. FIG. 14

Esta acentuada variedade formal, ainda que com outros registos tipológicos, está também patente em outros sítios do sul peninsular a partir, sobretudo, dos momentos mais tardios da fase republicana, como se verifica, por exemplo, em Mesas de Asta (Reinoso del Río, 2002), *Baelo Claudia* (Reinoso del Río, 2001, 2003, 2010), na necrópole de Cádiz (Reinoso del Río, 2003) ou em Carteia (Roldán Gómez *et al.*, 2006), para referir apenas alguns outros sítios meridionais emblemáticos cuja cerâmica de paredes finas foi já analisada com detalhe.

Apesar da incerteza em atribuir taxativamente os grupos de fabrico identificados a áreas específicas, é importante assinalar que os vasos que considerámos serem de origem itálica (Grupos 1 e 2) têm uma importância muito significativa ao longo de todas as fases de ocupação identificadas, até ao momento, no sítio algarvio. Contudo, é também inegável a concorrência e predomínio generalizado das importações béticas a partir dos meados do século I, uma situação que se explica facilmente considerando a grande proximidade geográfica e cultural que se verifica entre estas regiões.

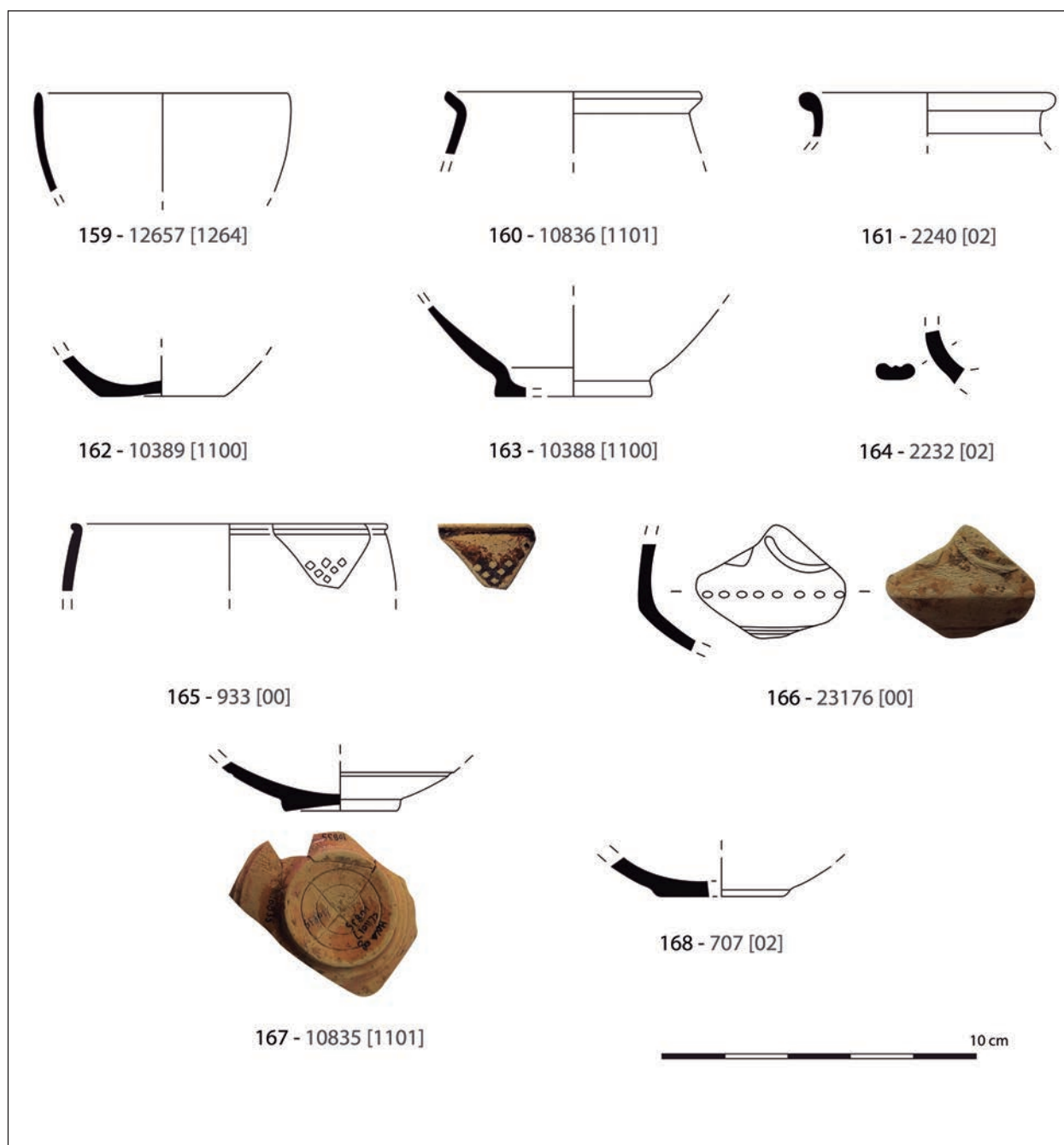


Fig. 13. Cerâmica de paredes finas recolhida em níveis superficiais / revolidos.

A importação destes vasos de paredes finas terá utilizado, quase exclusivamente, os circuitos comerciais marítimos que terão ligado, desde finais do século II a.C., a costa ocidental algarvia com o restante litoral oriental da Península Ibérica e, directa ou indirectamente, também com o mundo centro mediterrâneo. As importações itálicas terão sido seguramente transportadas em associação com quantidades significativas de vinho itálico, atestadas no sítio pela presença abundante de ânforas de tipo Dressel 1 (Arruda e Sousa, 2013), e também com outras cerâmicas de mesa (Campaniense A, B e

Calena) e de cozinha (Dias, 2010; Sousa e Arruda, 2014a, 2014b). Apesar dos contactos com o sul andaluz serem também frequentes durante o período romano republicano, reflectindo-se na presença abundante de recipientes anfóricos, cerâmicas de mesa (de tipo Kuass) e de uso comum (Arruda e Sousa, 2013; Sousa e Arruda, 2013, 2014a, 2014b), a comercialização de vasos de paredes finas desta área não se verificou durante esta época, com a excepção de um único fragmento integrado no Fabrico Raro 1, que poderá corresponder, eventualmente, a uma produção sud-hispânica. Contudo,

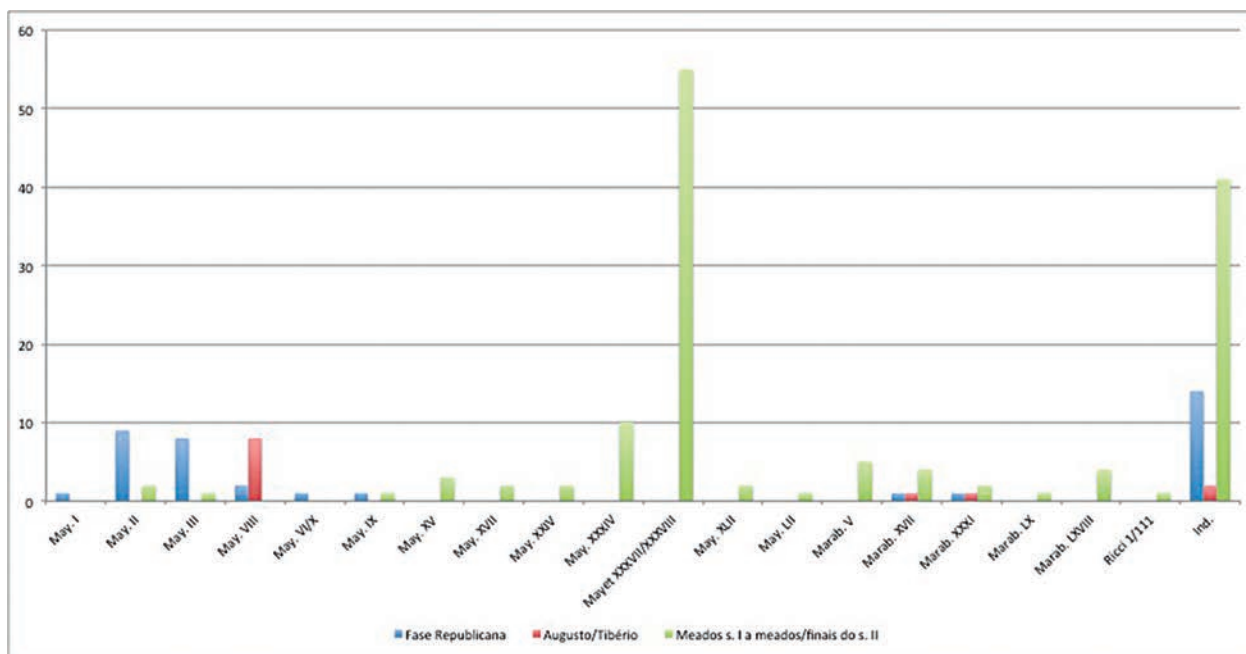


Fig. 14. Gráfico de distribuição das formas de cerâmica de paredes finas recolhidas em Monte Molião (base NMI).

trata-se de uma situação muito pontual que não parece relacionar-se com a existência de uma produção sistematizada destes vasos nessa área mas sim com fenómenos muito delimitados de “experimentação oleira”. Ainda assim, cabe indicar que não fomos capazes de determinar a origem exacta de alguns outros grupos de fabrico identificados, em concreto os que apresentam pastas cinzentas (Grupo 3a e 3b), pelo que não se poderá excluir, categoricamente, uma proveniência de alguns destes exemplares do sul andaluz.

As mesmas tendências verificam-se na fase que consideramos ser de cronologia augusto-tiberiana, com o predomínio de vasos de aparente origem itálica e escassa representatividade de grupos de fabrico raros, de origem local ou sud-hispânica. Uma vez mais, estes vasos de paredes finas terão acompanhado outros produtos itálicos, com especial destaque para a *terra sigillata*, ainda que, num quadro mais geral, as produções da zona meridional da Península Ibérica sejam maioritárias. Neste âmbito cabe recordar a incerteza relativa à origem da forma mais bem representada nestes níveis, o tipo Mayet VIII C, que apesar de termos considerado ser de origem itálica (Grupo 2), não podemos excluir definitivamente as propostas de A. López Mullor sobre uma origem andaluza para esta variante.

Contudo, é, sem dúvida, a partir dos meados do século I que o panorama de importações destes vasos para beber se altera substancialmente. As importações itálicas e as de pasta cinzenta permanecem ainda com um peso significativo, registando-se inclusivamente um aumento percentual destas últi-

mas, mas são agora claramente suplantadas pelos produtos béticos, sobretudo nas suas variantes engobadas mais características (Grupo 5), mas também com as produções tipo casca de ovo (Grupo 4). Este panorama reflete-se também no quadro das importações anfóricas desta fase, que são agora maioritariamente sud-hispânicas (Arruda e Viegas, 2016). É, contudo, de assinalar a ausência de vasos de paredes finas produzidos no sul da Gália, que poderiam ter acompanhado as grandes quantidades de vasos de *terra sigillata* com essa mesma origem que chegam abundantemente ao sítio algarvio durante o Alto-Império. No entanto, deve referir-se que no sul da Península Ibérica, estes vasos são relativamente raros (Reinoso del Rio 2001, 2002, 2003 e 2010) nos conjuntos de cerâmica de paredes finas até ao momento publicados. FIG. 15

Estas tendências observáveis no quadro do conjunto recolhido em Monte Molião são um apenas um pequeno contributo para o estudo da importação destes materiais na região algarvia ao longo da fase de ocupação romana. Uma análise mais detalhada de âmbito regional é, de momento, difícil de realizar, considerando a escassez de dados disponíveis sobre outros sítios localizados ao longo desta costa, com a excepção de algumas *villae* (Teichner, 2008) e necrópoles conhecidas (Nolen, 1994; Pereira, 2014). Esperamos, contudo, que esta situação se altere num futuro mais próximo, particularmente no quadro dos núcleos de habitat, de forma a corroborar os padrões de importação detectados no Monte Molião ou detectar outros fenómenos diferenciados.

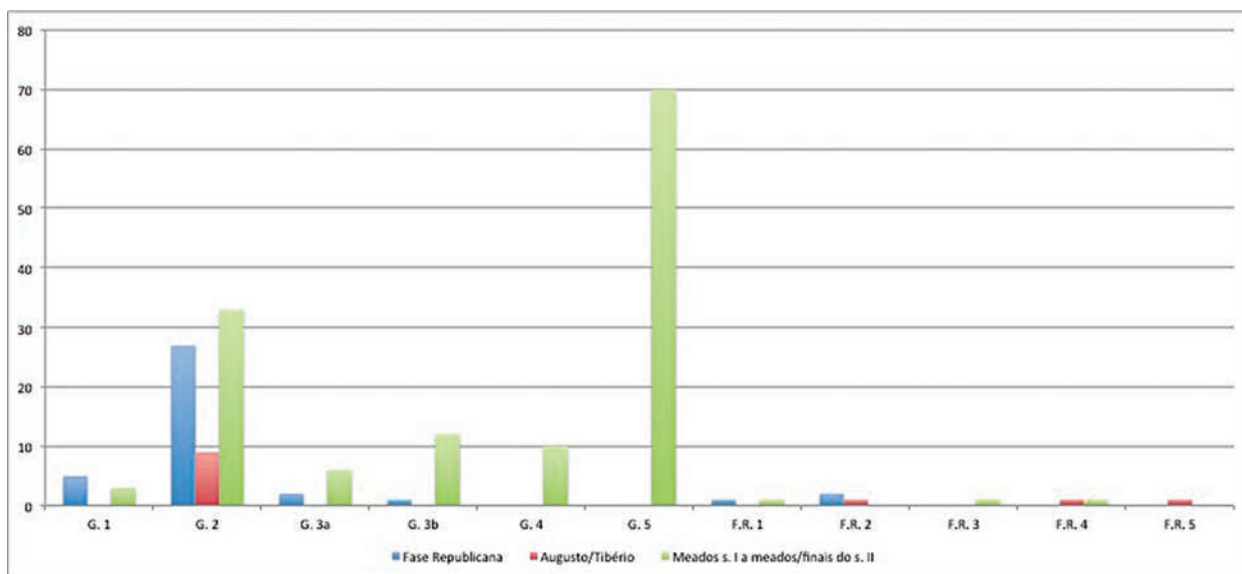


Fig. 15. Gráfico de distribuição dos fabricos da cerâmica de paredes finas de Monte Molião (base NMI).

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, J., Delgado, M. e Mayet, F. (1976): *Fouilles de Conimbriga VI. Céramiques diverses et verres*. Paris.
- Alarcão, J., Carvalho, P. e Gonçalves, A. (coords.) (2010): *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida.
- Albiach, R., Marín, C., Pascual, G., Pià, J., Ribera, A., Rosselló, M. e Sanchis, A. (1998): “La cerámica de época de Augusto procedente del relleno de un pozo de Valentia (*Hispania Tarraconensis*)”, in *Actes du Congrès d’Istres*. SFECAG: 139-166.
- Álvarez, N., Ballester, C., Espí, I., Máñez, J., Marín, C., Pascual, G., Ribera, A. e Rosselló, M. (2003): “Las cerámicas de tres nuevos depósitos votivos de fundación de las excavaciones de L’Almoina (Valencia)”, in *Actes du Congrès de Saint-Romain-en-Gal*. SFECAG: 369-395.
- Arcelin, P. e Tuffreau-Libre, M. (dir.) (1998): “La quantification des céramiques. Conditions et protocole”. *Actes de la table ronde du Centre archéologique européen du Mont Beauvray (Glux-en-Glenne, 7-9 avril 1998)*. Bibracte (2).
- Arruda, A. M. (2007): *Laccobriga: A ocupação romana da Baía de Lagos*. Lagos.
- Arruda, A. M. e Sousa, E. (2003): “Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 6-1: 235-286.
- Arruda, A., Sousa, E., Bargão, P. e Lourenço, P. (2008): “Monte Molião (Lagos): Resultados de um projecto em curso”. *Xelb* 8: 161-192.
- Arruda, A. e Pereira, C. (2010): “Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a época romano-republicana”. *Xelb* 10: 695-716.
- Arruda, A., Viegas, C. e Bargão, P. (2010a): “A produção local de cerâmica comum em Monte Molião (Lagos)”. *Xelb* 10: 285-304.
- Arruda, A. M., Sousa, E. e Lourenço, P. (2010b): “A necrópole romana de Monte Molião (Lagos)”. *Xelb* 10: 267-283.
- Arruda, A. M. e Sousa, E. (2013): “Ânforas Republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal)”. *Spal* 22: 101-141. <https://doi.org/10.12795/spal.2013.i22.05>
- Arruda, A. M. e Viegas, C. (2016): “As ânforas alto imperiais de Monte Molião”, in R. Járrega e P. Berni, eds., *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. Tarragona: 446-463.
- Bugalhão, J., Arruda, A. M., Sousa, E. e Duarte, C. (2013): “Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 16: 243-275.
- Carandini, A. (1977): “La ceramica a pareti sottili di Pompei e del Museo Nazionale di Napoli”, in M. Annechino, *L’instrumentum domesticum di Ercolano e Pompei*. Roma, 25-32: 172.
- Dias, V. (2010): *A cerâmica campaniense de Monte Molião*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita.
- Fernández, J. H. e Granados, J. O. (1986): “Producción de paredes finas en *Ebusus*”, in *Actes du Congrès de Tolouse*. SFECAG: 51-56.
- García Vargas, E., Almeida, R. e González Cesteros, H. (2011): “Los tipos anfóricos del Guadalquivir

- en el marco de los envases hispanos del siglo I a.C. Un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización”. *Spal* 20: 185-283. <https://doi.org/10.12795/spal.2011.i20.12>
- López Mullor, A. (1990): *Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña*. Zaragoza.
- López Mullor, A. (2008): “Las cerámicas de paredes finas en la fachada mediterránea de la Península Ibérica y las Islas Baleares”, in D. Bernal Casasola e A. Ribera i Lacomba, ed. cient., *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: 343-384.
- López Mullor, A. (2013): “Las cerámicas de Paredes Finas del final de la República Romana y el período Augusteo-Tiberiano”, in A. Ribera i Lacomba, coord., *Manual de cerámica romana. Del mundo Helenístico al Imperio Romano*. Madrid: 149-190.
- López Mullor, A. e Estarellas, M. M. (2002): “La céramique à parois fine d’Ibiza, I”, in *Actes du Congrès de Bayeux*. SFECAG: 229-250.
- López Mullor, A. e Estarellas, M. M. (2003): “La céramique à parois fine d’Ibiza, I”, in *Actes du Congrès de Saint-Roman-en-Gal*. SFECAG: 359-368.
- Marabini, M.T. (1973). *The Roman Thin Walled Pottery from Cosa (1948-1954)*. Roma (*Memoirs of the American Academy at Rome*, XXXII).
- Mayet, F. (1975): *La céramique à parois fines dans la péninsule Ibérique*. Paris.
- Mínguez, J. A. (1991): *La cerámica de paredes finas: generalidades*. Zaragoza.
- Morais, R. (2010): “Cerâmica de paredes finas”, in J. Alarcão, P. Carvalho e A. Gonçalves, coords., *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida (*Stvdia Lusitana* 5): 153-172.
- Mota, N., Pimenta, J. e Silva, R. (2015): “Acerca da ocupação romana republicana de *Olisipo*: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento”. *Cira Arqueologia* 3: 149-177.
- Muccioli, G. (2014a): “I Kalathoi Iberici nell’Éstremo Occidente”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* 43: 721-728.
- Muccioli, G. (2014b): *L’insieme di monete di Monte Molião (Lagos, Portugal)*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- Nolen, J. (1994): *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares, Balsa*. Lisboa.
- Passelac, M. (1993): “Céramiques à parois fines”, in *Lattara 6. Dictionnaire des Céramiques Antiques (VIIème s. av.n.è. – VIIème s. de n.è.) en Méditerranée nord-occidentale*. Lattes: 504-510.
- Pereira, C. (2014): *As necrópoles romanas do Algarve: acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- Pereira, C. e Arruda, A. M. (2016): “As lucernas romanas do Monte Molião (Lagos, Portugal)”. *Spal* 25: 149-181. <https://doi.org/10.12795/spal.2016i25.06>
- Pimenta, J. (2005): *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge*. Lisboa.
- Pimenta, J., Gaspar, A., Gomes, A., Mota, N. e Miranda, P. (2015): “O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, lote 40 – Lisboa”. *Cira Arqueologia* 3: 122-148.
- Reinoso del Río, M. C. (2001): “Cerámica de paredes finas de *Baelo Claudia* (Tarifa, Cádiz). Estudio de materiales, 1998”. *Anuario Arqueológico de Andalucía* / 98. II: 39-52.
- Reinoso del Río, M. C. (2002): “Cerámica de paredes finas de Mesas de Asta (Jerez de la Frontera, Cádiz). Estudio de materiales, 1998-1999”. *Anuario Arqueológico de Andalucía* / 99. II: 88-102.
- Reinoso del Río, M. C. (2003): “Cerámica romana de paredes finas del Museo Provincial de Cádiz. Estudio de materiales, 2000”. *Anuario Arqueológico de Andalucía* / 2000. II: 97-110.
- Reinoso del Río, M. C. (2010): “Paredes finas en *Baelo Claudia* (Cádiz): centros de producción y circuitos comerciales. La problemática de los talleres béticos”, in *Cuaternario y Arqueología. Homenaje a Francisco Giles Pacheco*. Cádiz: 283-295.
- Ribera i Lacomba, A. (2010): “Depositos rituales de *Valentia* (Hispania). De la primera fundación republicana (138 a.C.) a la segunda augustea”, in H. Giuseppe e M. Serlorenzi, eds., *I riti del costruire nelle acque violente*. Roma: 269-294.
- Ricci, A. (1985): “Ceramica a pareti sottili”, in *Atlante delle forme ceramiche II. Ceramica fina romana nel bacino Mediterraneo (tardo Ellenismo e primo Impero)*. Roma: 231-357.
- Rodríguez Martín, F. G. (1996a): *Material de un alfar Emeritense: Paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas*. Mérida (*Cuadernos Emeritenses* 11).
- Rodríguez Martín, F. G. (1996b): “Las paredes finas de los talleres emeritenses”, in *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 32: 139-179.
- Roldán Gómez, L., Bendala Galán, M., Blázquez Pérez, J. e Martínez Lillo, S. (2006): *Estudio Histórico-Arqueológico de la ciudad de Carteia (San Roque, Cádiz)*. Sevilla.

- Sousa, E. e Arruda, A. M. (2013): “A cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (Lagos)”, in *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: 651-659.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. (2014a): “Italics and Hispanics in Southwest Iberia in the Dawn of the Roman-Republican period: the common ware of Monte Molião (Lagos, Portugal)”, in *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* 43: 663-670.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. (2014b): “A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molião (Lagos)”. *Onuba* 2: 55-90.
- Teichner, F. (2008): *Entre tierra y mar. Zwischen Land und Meer Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungsplätze im Süden der römischen Provinz Lusitanien (Portugal)*. Mérida (Studia Lusitana 3).
- Viegas, C. e Arruda, A. (2013): “Ânforas romanas de época imperial de Monte Molião (Lagos): as Dressel 20”, in *Arqueologia em Portugal, 150 anos*. Lisboa: 727-735.